

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

*Narrativas, Trajetórias e Consideração:
Um Estudo Sobre Família e Relações Raciais em Unidades
Domésticas no Complexo da Maré - Rio De Janeiro*

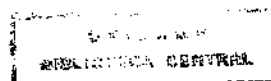
ELIELMA AYRES MACHADO

Profa. Dra. Mariza Corrêa assumiu a orientação desta Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, após afastamento da Profa. Dra. Teresa Caldeira, inicialmente responsável pela orientação deste trabalho.

CAMPINAS
junho/1998

M18n

34713/BC



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	
V.º	1
PREÇO	34713
DATA	395/98
N.º CPD	

CM-00115207-4

ELIELMA AYRES MACHADO

***Narrativas, Trajetórias e Consideração:
Um Estudo Sobre Família e Relações Raciais em Unidades
Domésticas no Complexo da Maré - Rio De Janeiro***

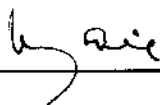
*Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia
do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas, sob a orientação da
Profa. Dra. Mariza Corrêa.*

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em

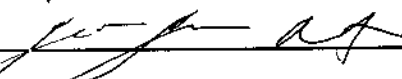
18 / 06 / 98.

Banca:

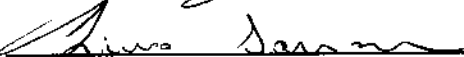
Profa. Dra. Mariza Corrêa



Profa. Dra. Guita Grin Debert



Prof. Dr. Livio Sansone



Prof. Dr. Robert Wayne Slenes (suplente)

**CAMPINAS
junho/1998**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M 18 n **Machado, Elielma Ayres**
 Narrativas, trajetórias e consideração : um estudo sobre
 família e relações raciais em unidades domésticas no Complexo da
 Maré - Rio de Janeiro / Elielma Ayres Machado . - -
 Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Mariza Corrêa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Relações raciais. 2. Família. 3. Parentesco.
4. Rio de Janeiro (RJ) - Aspectos sociais. I. Corrêa, Mariza.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Aos meus pais pelo início,
ao Paulo Santos pelo presente
e ao Ezer sempre.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho acadêmico, como a presente dissertação, apesar da autoria individual pressupõe da colaboração de pessoas e instituições. Nesse sentido, gostaria de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação pessoal, profissional e na elaboração desse trabalho. Assim, agradeço:

aos moradores do Complexo Maré que sempre me receberam com boa vontade e um agradecimento especial a Carmem e ao Zé, com os quais sempre pude contar em diferentes situações, durante a realização do trabalho de campo;

à turma que ingressou em 1994 no Mestrado de Antropologia da UNICAMP, pelos debates dentro e fora de aula, pela amizade, cumplicidade e alegria de Osmundo Pinho, Cristina Cancela, Letícia Calderano, Roberto Lima, Vilson Cabral, Simone Miziara, Wladimyr Sena e a Iara Rolim "procuradora" e amiga dedicada.

à coordenação do Mestrado, especialmente a Márcio Silva e Robert Wrigth que estiveram à frente da coordenação durante minha permanência no curso;

aos (às) professores (as) do IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, especificamente Antônio Augusto Arantes, Carlos Rodrigues Brandão, Sueli Kofes e Márcio Silva com os quais tive a oportunidade de aprender.

à CAPES e ao FAEP-UNICAMP, instituições que me concederam bolsa de estudos durante diferentes fases do curso de mestrado;

a Teresa Caldeira, minha primeira orientadora, pelo acompanhamento até o exame de qualificação;

a Mariza Corrêa pela incentivo, compreensão e principalmente pela boa orientação;

a Robert Slenes, pela arguição durante o exame de qualificação e por suas valiosas sugestões de leitura;

a Guita Grin Debert e Livio Sansone, membros da banca de mestrado, pela competência profissional.

a todos os funcionários da Secretaria de Pós-Graduação, pela colaboração, especialmente a Lurdinha, Marly, Betinho, D. Esmeralda, Júnior, Cristina, Magali Mendes do Setor de Publicação e a Sandra Regina;

a Patrícia Birman, minha orientadora durante o período de graduação, e aos professores Sandra Carneiro, Márcia Leite, Valter Sinder e Luís Rodolfo Vilhena (in memoriam) pelo incentivo constante;

a Patrícia Farias, pela leitura crítica e cuidadosa desse e de outros trabalhos.

a Romana Costa pelo apoio durante o percurso;

a de Ana Cláudia, Cátia Cristina, Maria José e Fátima Cilene, pela amizade;

a Laura Moutinho e Márcia Pinheiro, pela boa acolhida nos meus momentos de hóspede, no Rio, quando eu morava em Campinas;

a dona Uiara, mãe de Iara e toda sua família pela boa acolhida em Campinas, na minha volta ao Rio; e ainda a Ana Luíza, Lilian Rahal e Jane pelos mesmos motivos;

a dona Lúcia, mãe de Osmundo, também pela boa acolhida durante a minha estada em Salvador;

a Edir Figueiredo e Carlos Alexandre pela ajuda diante dos meus problemas com a informática;

à "nova amiga" Sonia Travassos com quem dividi algumas das angústias existenciais decorrentes desse trabalho;

a Fátima Cecchetto e Márcia Lima, colegas de curso no IFCS/UFRJ, coordenado por Peter Fry e Olívia Gomes, aos quais também agradeço pela oportunidade de discutir algumas idéias do projeto original;

aos amigos "recém-chegados" Sônia Giacomini, Patrícia Guimarães e Rosi Machado, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e, a Luís Carlos Barcelos, Angela Figueiredo, Rosana Carvalho, Ana Senna, Helena Costa, Sueli Silva e Fabíola Souza do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) que colaboraram, de diferentes formas, para a finalização dessa dissertação;

aos meus primeiros alunos da PUC-Rio das turmas de Antropologia Cultural do ano de 1997, pela paciência diante da professora novata;

aos sobrinhos pelo futuro e aos meus tios Joel e Élcio, por respeito e consideração, respectivamente;

aos meus irmãos Ely, Elielton (Téo), Elington (Tom) e Erico, com os quais eu travei as primeiras batalhas por igualdade e respeito à diferença;

aos meus pais: Elyr Ayres Machado e Dinah R. Machado, que mesmo sem terem lido teoria de gênero e panfletos do MNU - Movimento Negro Unificado, me incentivaram nos estudos, foram pacientes diante das minhas hesitações e deixaram que eu escolhesse meu próprio caminho;

a Paulo Santos, por sua compreensão, dedicação, carinho e outros tantos motivos.

"Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em 'entender'.
Viver ultrapassa todo entendimento."
Clarice Lispector

RESUMO

O objetivo central da presente dissertação consiste em buscar mostrar a percepção dos indivíduos acerca da noção de família e relações raciais em um bairro popular, no Rio de Janeiro, a partir da reconstrução de suas trajetórias. Almejei investigar as relações raciais a partir da noção de família e parentesco entre os moradores do Complexo da Maré. Apesar do tema família não ser raro, poucas são as pesquisas etnográficas sobre o significado do sistema de classificação de cor na organização das unidades domésticas, que tenham como ponto de partida as narrativas de história de vida.

ABSTRACT

The main purpose of this dissertation is to show the individuals' life experience and perception about the notions of family and race relations, starting from a concrete experience in Complexo da Maré, a popular neighbourhood in Rio de Janeiro, Brazil. Although there is quite large scholarship on family, there are few ethnographics researches about the meaning of the color classification system related to life stories of individuals of family group.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO I- A Maré: notas sobre a ocupação e formação do Complexo da Maré.....	 28
I. Introdução	28
I.1.0 Complexo da Maré: descrição do campo	28
I.2.0 Mangue: aterro e construção	30
I.3.0 Bairro: projetos e políticas públicas.....	34
I.4.Narrativas: "lembança" e "linguagem".....	40
I.5.Trajetórias: os moradores entrevistados	44
I.6.Violência: "medo real e perigo imaginário".....	49
I. Conclusão	54
 CAPÍTULO II - Parentesco por consideração: duas situações de conflito	 55
II. Introdução	55
II.1.Consideração: o caso da herança	56
II.2.Dona Jane: mãe por consideração e o caso da aparição	62
II.3.Consideração e comunicação	67
II.4.Comunidade: unidade e conflito	69
II. Conclusão.....	80
 CAPÍTULO III - Nadando contra a Maré: identidade e mistura no sistema de classificação	 81
III. Introdução	81
III.1.O caso Tiririca	81
III.2.Classificação de cor: o sistema bipolar e o sistema multicolor	84

III.3.Aparência e ascendência: 'cor' e 'raça'.....	86
III.4.A noção de mistura e a negação da diferença	89
III. Conclusão	96
 CAPÍTULO IV - Família Negra ou família de negros?	
Algumas notas sobre família na sociedade brasileira	98
IV. Introdução	98
IV.1.Herskovits e Frazier: o debate sobre família negra	98
IV.2.Família escrava: "Lares negros, olhares brancos".....	102
IV.3.Noção de família: trajetória e narrativa de Carmem	107
IV.4.Semelhança e diferença: o casamento de Jacques	111
IV.5."All our kin": comunidade étnica e solidariedade de classe	115
IV. Conclusão	116
 CONCLUSÃO	 117
 BIBLIOGRAFIA	 123
 ANEXOS	 130

Introdução

Esta dissertação tem por finalidade sugerir novas indicações no que concerne os estudos sobre a experiência concreta acerca de família e relações raciais na sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, o projeto de pesquisa para a presente dissertação, inicialmente, foi desenvolvido a partir de três pontos fundamentais, a saber:

- 1) entender aspectos da organização familiar entre indivíduos que se auto-classificam como negros;
- 2) analisar a noção de família no interior das unidades domésticas dos moradores da Complexo da Maré¹;
- 3) ter acesso aos critérios que organizam a vida social dos entrevistados e, dessa forma identificar determinados mecanismos adotados por um grupo de indivíduos de camadas populares.

A princípio me dedicaria ao estudo da família e relações raciais no interior das unidades domésticas². - A

¹ Optei pelo conceito de unidade doméstica no lugar de domicílio por considerar o primeiro mais abrangente. Enquanto domicílio se refere apenas ao local de moradia, separado e independente economicamente, unidade doméstica diz respeito também as relações interpessoais no interior do domicílio.

² Na definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - uma família se constitui por: "pessoas residentes em domicílio particular ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica" e ainda "conjunto de no máximo cinco pessoas ligadas apenas por convívio". Na definição de uma importante instituição de pesquisa acadêmica, o **Social Structure Center**, família "é um grupo social caracterizado por residência comum, cooperação econômica e reprodução". Família, nos dois casos, e também entre os moradores do Bairro estudado, está diretamente relacionada ao que se entende por casamento, aliança ou união matrimonial entre pessoas reconhecidamente como adultas entre grupos sociais a que pertencem. Estou particularmente interessada em "desconstruir" e "desnaturalizar" a noção de família. Conseqüentemente, a discussão, neste sentido, recai nas formas de organização e no que se entende

preocupação inicial consistia em focalizar a noção de família - junto às camadas populares e as possíveis diferenças na organização familiar associada ao padrão étnico. A pesquisa teria por objetivo penetrar no universo das famílias a partir do local de moradia, de modo a perceber a ocorrência das relações sociais, e como a "cor" e/ou a "raça" influenciam a estruturação familiar. Pretendia refletir sobre diferença e hierarquia no contexto urbano, a partir das representações simbólicas associadas às narrativas de história de vida dos moradores do Complexo da Maré. Minha intenção se referia ao estudo sobre as possíveis especificidades que dão origem às chamadas famílias negras. Cabe questionar, então, como são vivenciadas pelas "famílias" as possíveis especificidades que dão origem a essas denominações. Torna-se fundamental reconstruir o universo de trajetórias e a percepção dos indivíduos acerca da sua experiência concreta da família e das relações raciais. No intuito de captar em que medida há concordância e/ou discordância sobre questões privilegiadas na bibliografia sobre o tema, elaborei o seguinte conjunto de perguntas: a) Haveria, de fato, alguma característica específica que distinguisse a organização nas unidades domésticas tendo em vista um padrão étnico? A auto-classificação de cor do indivíduo pode se aplicar à

por família considerando, a princípio, a noção de casamento (consensual ou formal).

família? Esta classificação estaria relacionada à informação e reflexão dos indivíduos acerca das relações raciais no Brasil? Cabe questionar quais são os critérios e padrões que influenciam esta associação? Seria a "cor" a "raça", a condição sócio-econômica. Com base nestas questões, sugiro a seguinte hipótese de trabalho: a família negra pode ser um código que em diferentes contextos adquire significado específico³.

Com efeito, o tema família no Brasil tem sido amplamente desenvolvido. Contudo, poucos são os estudos empíricos sobre o significado da cor no interior das unidades domésticas, a partir das categorias dos próprios indivíduos. Acredito que através das relações de parentesco se pode ter acesso a determinados aspectos subjacentes as relações sociais.

Os estudos recentes sobre família no Brasil têm procurado identificar importantes alterações ocorridas contemporaneamente na sociedade brasileira (Corrêa, 1984)⁴. Parece haver uma predisposição em intensificar estudos e pesquisas que investigam situações particulares e circunscritas; por um lado, se busca uma compreensão contextual; e por outro lado, é possível realizar

³ Os estudos sobre família negra no Brasil adquirem visibilidade a partir da década de 30, com as pesquisas de Frazier (1942) e Herskovits (1941). Esse aspecto será abordado no Capítulo IV, dessa dissertação.

⁴ CORRÊA, Mariza (1982) Repensando a Família Patriarcal no Brasil In: ARANTES, Antônio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos*; São Paulo; Brasiliense.

incursões teórico-metodológicas por outras áreas a chamada interdisciplinabilidade (Fonseca, 1989)⁵. Nesse sentido, na bibliografia sobre família negra é recorrente a utilização de termos como "família incompleta", "família chefiada por mulheres" e "matriarcado"⁶. Esses termos devem ser contextualizados. O termo *família chefiada por mulher* tem sido encontrado nos seguintes casos: estudos sobre mulheres sem cônjuge; mulheres com cônjuges que possuem grande número de parentes consangüíneos matrilaterais; quando a mulher se mantém com rendimentos superiores aos do cônjuge; e, freqüentemente, em situações onde a mulher estabelece uma rede de afeto e solidariedade⁷.

A indicação de que as famílias pobres e negras seriam *incompletas* se mostra limitada, pois esta definição parte da idéia (pré) concebida de que a família nuclear seria um padrão, uma referência para todos os tipos de organização familiar. As pesquisas apresentam diferentes formas de organização familiar legitimando a

⁵ FONSECA, Cláudia. (1989) A História Social no Estudo da Família: uma excursão interdisciplinar. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* N°27, Rio de Janeiro, ANPOCS

⁶ Herskovits (1941 e 1944) HERSKOVITS, M., (1941) *The Myth of African Past*. New York, Happer & Bros; (1943) *The Negro Family in Bahia: a problem in methodona* In: *American Sociological Review*, Vol. 7 N°. 8, 394-404. Frazier (1942 e 1943) FRAZIER, Franklin (1942) *The Negro Family In Bahia, Brazil* In: *American Sociological Review*, Vol. 7, N° 4, pp. 465-478. (1944) *A Comparison of Negro-White Relations in Brasil and the United States*. In: *On Race*

⁷ As referências citadas podem ser encontradas em Blumberg & Garcia, 1977; Barroso, 1978; Whitehead, 1978 e Kunstadter, 1963.

heterogeneidade, e não a homogeneidade neste tipo de arranjo. Em outros termos se há uma característica dominante entre as diferentes famílias, deve ser a diversidade dos tipos de família existentes⁸.

Os estudos relativos à família de baixa renda que destacam a *matrifocalidade*, têm afirmado que estas famílias se organizariam a partir da intervenção das mulheres-mães. Contudo, na medida em que surgem novas pesquisas, aparecem diferentes situações, que são mais analisadas a partir dos termos recorrentes. Dessa forma, nos novos casos de *matrifocalidade* as famílias chefiadas por mulheres são decorrência da ampla divulgação dos termos, do que propriamente baseados em pesquisas empíricas⁹.

As críticas atribuídas às pesquisas estão relacionadas a conclusões carregadas de termos e conceitos, em contextos tão diferentes quanto múltiplos. Diante de tal multiplicidade se torna necessária a revisão dos conceitos (Fonseca, 1987)¹⁰.

⁸ Ver tabela anexa sobre os tipos de organização doméstica.

⁹ Cláudia Fonseca afirma que "Posto que as atividades maternas, situadas no lar, são facilmente observáveis, e posto que, tradicionalmente, os etnólogos lhes atribuem grande importância, não se pode pensar que em certos casos, o papel das mulheres nas redes de parentesco tem sido exagerado? Lembramos que as primeiras hipóteses sobre a importância de mulheres nas redes sociais eram baseadas na observação minuciosa de todo tipo de atividade familiar dentro de determinados contextos (Bott, 1957; R. T. Smith, 1956)." (Fonseca, 1987:90)

¹⁰ Na opinião da autora: "os pesquisadores, na sua pressa de achar novos casos "matrifocais", deveriam cuidar para não ceder à tentação de queimar etapas" (Fonseca, 1987: 90).

A bibliografia indicada anteriormente, assim como a leitura de Joan Scott e Louise Tilly (1978) foram de fundamental importância na redefinição do objeto e análise do material etnográfico. As duas autoras citadas acima deram início aos estudos sobre gênero. A teoria em formação originou-se das discussões a respeito da possibilidade de formulações de novas categorias analíticas. Nesse contexto, gênero se refere ao saber das diferenças e relações entre homens e mulheres. O saber, tal como foi referido por Michel Foucault (1973) nada tem a ver com o saber absoluto e inquestionável¹¹.

A revisão crítica proposta por Scott sobre a abordagem histórica dos Estudos da Mulher obteve uma recepção positiva por parte da comunidade acadêmica. Atualmente, entre as seguidoras de Scott, há a preocupação de resgatar a perspectiva histórica objetivando a imbricada relação entre subjetividade e determinações sociais na produção dos estudos de gênero.

¹¹ Segundo a autora: "Tal saber não é absoluto ou verdadeiro, mas sempre relativo. Ele é produzido de maneira complexa no interior de epistemes que têm, elas próprias, uma história autônoma (ou quase). Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder - de dominação e de subordinação - são construídas. O saber não se refere apenas a idéias, mas a instituições e estruturas, práticas cotidianas e rituais específicos, já que todos constituem relações sociais. O saber é um modo de ordenar o mundo e, como tal, não antecede a organização social mas é inseparável dela." (Idem, 12-13)

A perspectiva de Louise Tilly (1990) consiste em chamar a atenção para as iniciativas de historiadoras feministas no reconhecimento e produção da história das mulheres. A busca por novas fontes, o cruzamento de dados e a introdução de conceitos nas análises contribuem para "uma nova especialidade histórica [que] nasceu contendo por objetivo as mulheres, tornando-as sujeitos da história" (idem 34)¹².

A leitura dessas indicações bibliográficas possibilitou uma compreensão diferenciada dos dados coletados. O questionamento dos métodos de pesquisa e da perspectiva ideológica do pesquisador contribuiu para redimensionar novos estudos, no campo das Ciências Sociais.

Diante de tais indicações, o estudo sobre as relações de gênero na esfera doméstica adquire outro significado; torna-se uma via de acesso à compreensão da questão relacionada com a construção social da diferença, contemporaneamente. A partir desse procedimento, poderia aprofundar alguns temas relacionados com o estudo iniciado durante o curso de graduação em Ciências Sociais. Naquele

¹² Cito o texto: "A contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado - motor da história social - na direção das mulheres e das suas relações sociais, econômicas e políticas. Fazendo isto, os (as) historiadores (as) das mulheres utilizam o método chave da história social: a biografia coletiva, agrupamento de descrições individuais, padronizadas de modo a traçar o retrato de um grupo inteiro e oferecer um meio de estudo das variações interindividuais." (Id. 34/5)

momento (Machado, 1991 e 1996)¹³, percebi que, entre mulheres negras militantes de um Bloco Afro, no Rio de Janeiro, a endogamia e a valorização da família operavam como princípios para a elaboração da prática militante e na atuação política. Diante desse quadro, o que se manifestava como mais significativo era a possibilidade de investigar certas concepções que poderiam estar referidas a formas distintas na organização da vida social. Dessa forma, seria viável entender os elementos que estão postos nas unidades domésticas, e referi-los à discussão da bibliografia sobre família no Brasil.

Uma pesquisa qualitativa pormenorizada se faz necessária, na medida em que apenas o mapeamento de aspectos da vida cotidiana torna possível o acesso as práticas que configuram diferenças significativas nas trajetórias individuais e na organização da vida social. A pesquisa etnográfica permite captar as formas de relações sociais os modos de organização da vida cotidiana de uma parcela específica da população. Além de ressaltar possíveis especificidades na estruturação da vida social, um estudo qualitativo em profundidade, permite esclarecer trajetórias individuais e reconstruir o universo simbólico e valorativo associado a essas trajetórias.

¹³ Machado, Elielma Ayres, (1991). *Mulheres e Negritude: Um Estudo Sobre o Bloco Afro Agbara Dudu*; ---. (1996) *Ritmo da Cor Raça e Gênero no Bloco Afro Agbara Dudu*; Papeis Avulsos N°49; Rio de Janeiro, CIEC-ECO/UFRJ

O Complexo da Maré constitui-se em referência para a reflexão das questões apresentadas anteriormente¹⁴. Este Complexo apresenta, por um lado, características semelhantes às de outros bairros populares - remanescentes de comunidades faveladas - da zona norte do Rio de Janeiro¹⁵. Por outro lado consta na história de sua formação uma grande participação feminina, na articulação política junto ao poder público.

Nesta comunidade há elevada taxa de crescimento da população, deficiência dos serviços públicos, grande parte da população vivendo em condições precárias e com baixas remunerações. Além disso, trata-se de um bairro com grande número de negros, que trabalham em ocupações consideradas de baixa renda; existiria nela a interseção população negra de baixa renda. Contudo, é possível também se ter acesso a outras parcelas da população que se auto-classificam como brancos e pardos. A idéia inicial não é a de estudar negros e brancos em separado, mas sim perceber a organização das unidades domésticas a partir da auto-classificação pelos indivíduos.

Em 1991 iniciei meu contato com o Complexo da Maré no período que compreende os meses de Junho de 1991 a Julho de 1992 participei de um projeto de pesquisa que

¹⁴ Apesar de se constituir em uma Região Administrativa o "bairro" ainda consta no catálogo de favelas da Prefeitura da Cidade. Ver mapa na página seguinte.

constou das seguintes fases: a aplicação de 450 questionários, junto aos moradores do Complexo da Maré; a preparação de mesas redondas, com moradores destacados das Comunidades; a realização de entrevistas abertas. Além disso, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as trajetórias e histórias da formação das favelas.

Desde então, acompanho, com maior ou menor proximidade, a vida dos moradores do bairro. A escolha por permanecer no local e realizar pesquisa de campo com o objetivo de fazer a dissertação de mestrado se deu não só pela possibilidade de retomar algumas entrevistas (realizadas anteriormente) como também de dar prosseguimento ao estudo de determinados temas de pesquisa. Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada tendo como base os seguintes procedimentos metodológicos:

a) Observação participante. Procurei observar a vida cotidiano tanto no interior das unidades domésticas quanto em situações públicas, como festas e locais de lazer situados no bairro (praças, parques, bares e demais locais e atividades vivificadas pelos moradores comunidade);

b) A realização de entrevistas abertas a partir de um roteiro, com perguntas previamente elaboradas, sobre o cotidiano dos moradores do Complexo da Maré e como se dão

¹⁵ Utilizo o critério de auto-classificação conforme a indicação de CUNHA, Manuela Carneiro da. (1982) *Antropologia do Brasil*; São Paulo: Brasiliense.

as relações no interior das unidades domésticas. Essas entrevistas foram realizadas mediante o uso do gravador e posteriormente foram transcritas. A princípio, procurei entrevistar os integrantes de dez unidades domésticas distintas. Contudo, a pesquisa não se limitou a esse critério¹⁶;

c) Conversas com vários moradores do complexo de diferentes faixas etárias e em diferentes contextos;

d) Concomitantemente à pesquisa empírica, consultei arquivos e a bibliografia sobre aspectos relacionados à demografia, perfil sócio-econômico, serviços públicos e outros aspectos relativos à população da área estudada.

O projeto passou por uma série de modificações. Diante do material etnográfico surgiram outras questões, conforme pretendo mostrar no decorrer da dissertação. Ao final desse processo penso que foi possível reconstruir o universo simbólico-valorativo, a partir das narrativas de histórias de vida dos moradores do Complexo da Maré, associado às trajetórias narradas.

As construções de diferentes trajetórias são os fios condutores que perpassam todas as falas. A pesquisadora começa a conversa a partir da definição do objeto e com isso

¹⁶ O critério para seleção das entrevistas seguiu dois padrões; são eles: as primeiras famílias foram indicadas por um amigo que tem amigos e parentes no Complexo da Maré e nas associações de moradores. Uma vez feitos os primeiros contatos, os outros surgiram a partir da indicação dos próprios moradores. Houve ainda a preocupação de procurar percorrer o maior número de ruas do bairro, ou seja pelo menos uma unidade doméstica em cada subdivisão do bairro de forma a encontrar moradores de vários segmentos.

dá o tom (inicial) da conversa. Diante do que foi exposto, cabe dizer que a presente dissertação deve ser lida como tendo sido constituída pelo enfrentamento dos vários envolvidos na interlocução, com as diferentes situações ocorridas no decorrer da pesquisa de campo, como também para as diferentes respostas dadas pelos entrevistados.

Diante do exposto, cabe ressaltar que este trabalho se processa por capítulos distintos e interligados. A presente dissertação encontra-se dividida em seis partes: Introdução, Capítulo I, Capítulo II, Capítulo III, Capítulo IV e a Conclusão¹⁷. Estes pressupõem a inclusão de temas relacionados ao objeto de estudo e se encontram subdivididos em seções. Em cada seção são introduzidos tópicos relativos às questões propostas. A matéria textual compõe-se por diversas fontes que devem ser contextualizadas na medida em que são referidas.

Cada alusão encontra-se em relação a outra e em conjunto mostram quem são, como vivem, o que pensam e o que fazem determinados indivíduos nas relações cotidianas. Dessa forma, nos capítulos I e II serão discutidas as narrativas e trajetórias individuais, sendo que enquanto no primeiro capítulo procuro mostrar a formação das

¹⁷ Cabe observar que na seção "Anexos" encontram-se as tabelas com dados relativos aos moradores do Complexo da Maré. As tabelas foram montadas a partir da aplicação de cerca de 300 questionários nas diferentes comunidades do Complexo da Maré. A partir dos dados levantados durante a realização da pesquisa *Migration und Soziale Netzwerke Studein in Favelas in Rio de Janeiro und São Bernado do Campo*, em 1992, selecionei os primeiros moradores a serem entrevistados para a pesquisa que deu origem a presente dissertação.

comunidades do Complexo da Maré, a partir dessas narrativas, no segundo apresento duas situações de conflito, que envolvem o termo consideração enquanto categoria de parentesco. Em seguida, no terceiro capítulo, retomo algumas narrativas no intuito de aprofundar a discussão sobre a construção de identidade negra e/ou problematizar o sistema de classificação de cor de acordo com as referências do moradores do Complexo da Maré. E por fim e não por último, procuro mostrar a noção de família para os indivíduos que se auto-classificam como negros. Com isso tem-se a introdução de mais elementos na compreensão da formação da sociedade brasileira contemporânea.

Como chama atenção Teresa Caldeira (1988) na etnografia clássica é freqüente a utilização de um modelo para compreender as diferentes experiências vividas¹⁸. O antropólogo legitima seu texto ao passar pelo outro: mediante esse procedimento torna-se possível descrever a outra cultura e revelar seus significados. Esta posição é criticada por Marcus e Cliford; eles a chamam de "autoridade etnográfica do antropólogo". Posto que o convívio do antropólogo com a outra cultura não é sistemático e ocorre por um período de tempo determinado, no lugar de descrever a realidade como na etnografia clássica, o antropólogo, na

¹⁸ CALDEIRA, Teresa (1988) A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia; São Paulo. *Novos Estudos CEBRAP* N.º 21.

condição de autor, escreve um texto a partir das muitas "vozes." Entre a etnografia e a cultura do outro, um longo caminho foi percorrido. Torna-se, então fundamental"(...) representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma pluriviosidade, uma heteroglossia" (Caldeira, 1988:141).

Em outro texto, a autora citada acima aborda a prática do trabalho de campo como método de investigação científica (Caldeira, 1981)¹⁹. Em sua opinião, nas Ciências Sociais como um todo e na Antropologia em particular, o objeto interage com o observador estabelecendo-se, assim, uma relação de troca. Esta troca, desigual por definição, deve ser pontuada. No que se refere ao pesquisador, Caldeira destaca dois aspectos inerentes ao trabalho de investigação: as reações subjetivas no relacionamento com os informantes durante o trabalho de campo e a atitude do pesquisador diante do material etnográfico. No decorrer do trabalho de campo, emergem revelações dos entrevistados sobre o que interessa ao pesquisador, e/ou o que o informante acredita que vai interessar ao pesquisador. Os dados coletados compõem-se de entrevistas, depoimentos e observações de campo. Esses dados devem ser trabalhados "para que adquiram um significado para o conhecimento eles necessitam ser interpretados e explicados(...)". Esta tarefa deve ser

¹⁹ CALDEIRA, Teresa. (1981) Uma Incursão Pelo Lado "Não-Respeitável" da Pesquisa de Campo. In:--- [et al] *Trabalho e Cultura no Brasil*. Recife/Brasília, CNPq/ANPOCS.

desenvolvida juntamente com "um esforço teórico em que nada se assemelham à compilação de dados ou à descrição pura e simples"(Id, 351).

Ocorre que, em um momento posterior à situação da pesquisa de campo, o pesquisador atribui sentido e significado para os dados previamente coletados²⁰. Diante do que parece ser inevitável, ou seja, a possível arbitrariedade do investigador, cabe tomar determinados cuidados a fim de evitar incorrer em maiores equívocos e distorções. A presente dissertação foi elaborada nessa perspectiva. Procurei mostrar uma leitura possível da experiência vivida por determinados moradores do Complexo da Maré.

Como toda interpretação, a presente dissertação é parcial e apresenta lacunas, lacunas estas que devem ser preenchidas pelo leitor. Isso significa também que ao final da leitura deste trabalho, haverá, portanto, uma outra interpretação: a do leitor.

²⁰ Segundo a autora supra citada: "Considerando o contexto em que foram produzidos os dados, não fica difícil perceber que se tratam de discursos multi-facetados, fragmentários, contraditórios, multi-determinados. Ignorar na hora da análise essas características pode significar um empobrecimento, quando não um desvirtuamento. Provavelmente toda a interpretação que se faça a partir desse tipo de dados é uma camisa-de-força a que o investigador submete o discurso; provavelmente todo discurso pode ser lido e pontuado de diferentes maneiras."(Id, 352)

CAPÍTULO I. *Nadando contra a Maré: a ocupação e as trajetórias dos moradores na formação do Complexo da Maré*

I. Introdução

Neste capítulo refiro-me ao aterro da chamada área do mangue, às estratégias engendradas pelos moradores na manutenção de suas moradias e à atuação política junto ao poder público. Nas narrativas de história de vida dos moradores do Complexo da Maré, a família emerge como categoria emblemática na estruturação da participação política contemporânea. Dessa forma, pretendo mostrar como se deu a ocupação da área do mangue a partir das narrativas dos moradores sobre o processo de formação das *comunidades* do Complexo da Maré²¹.

I.1. A *Maré*: Descrição do Complexo da Maré

Em 1991 iniciei meu contato com o Complexo da Maré. Naquela ocasião, integrava um projeto de pesquisa cujo objetivo era buscar estreitar relações entre os diversos sujeitos na formulação de programas sociais. Nesse contexto, realizamos trabalho de campo junto aos moradores das treze

²¹ As categorias bairro, favela e comunidade correspondem cada qual a um aspecto específico do mesmo espaço geográfico. Bairro é utilizado para definir a localização geo-espacial. A maior parte do Complexo da Maré localiza-se no bairro de Bonsucesso, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A favela aparece nas referências à infra-estrutura da

comunidades do Complexo da Maré. Durante o período de entrevistas, contamos com a colaboração de pessoas destacadas pelas associações de moradores, que nos acompanharam no percurso às comunidades. Este apoio foi fundamental. Havia, naquele momento, vários conflitos em decorrência da disputa pelos pontos de venda de drogas.

A área em questão pode ser considerada um lugar importante na geografia da cidade. O Complexo da Maré ocupa uma área de 906.740 m². Esta área se estende ao longo da Avenida Brasil e abrange os bairros de Manguinhos, Bonsucesso, Penha e Ramos. Em todo Complexo foram construídos 19 027 domicílios, com uma população estimada em 77. 756 habitantes²².

As comunidades que compõem o Complexo da Maré são Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Parque União, Parque Major Rubens Vaz, Nova Holanda, Conjunto Pinheiros, Vila do João, Praia de Ramos, Paraibuna e Joana Nascimento; entre elas, há vários tipos de ocupação e estilos de moradias, que vão desde áreas urbanizadas, solidamente edificadas, até palafitas - como são chamadas as construções de madeira aproveitada que ficam sobre o mangue. Oficialmente as últimas palafitas foram demolidas para a construção da Linha Vermelha em 1992/3. A população lá

área, enquanto comunidade refere-se às redes de sociabilidade. Retomo esta discussão no Capítulo II.

²² Dados publicados no Anuário do Instituto de Planejamento e Informática do Rio de Janeiro (Iplan-Rio, 1997).

residente foi removida para áreas próximas e outras mais distantes. Mas, ainda podemos encontrar moradias com características de palafitas.

1.2. O Mangue: Aterro e Construção

A formação das comunidades da Maré segue dois padrões distintos: a invasão/auto-construção, por um lado e por outro lado, a construção de conjuntos habitacionais/remoção da população de baixa renda.

As primeiras favelas do Complexo da Maré foram a Baixa do Sapateiro, que surgiu em 1925 e o Morro do Timbau, em 1930. O trecho do mangue de Bonsucesso localiza-se entre as margens da Baía de Guanabara e a Av. Brasil, em uma importante via de acesso do Estado, que liga as Zonas Norte, Oeste e Baixada Fluminense aos bairros do Centro e da Zona Sul. A área do mangue foi aterrada pelos próprios moradores e também foram estes os construtores de suas moradias.

Os primeiros moradores eram migrantes do interior do Rio de Janeiro e de outros Estados, principalmente da região Nordeste - dos Estados de Alagoas, Bahia, Paraíba - e do Estado de Minas Gerais²³. Naquela ocasião, os novos moradores construíram *palafitas* utilizando material reaproveitado como madeira e papelão. Com o passar do tempo, os moradores

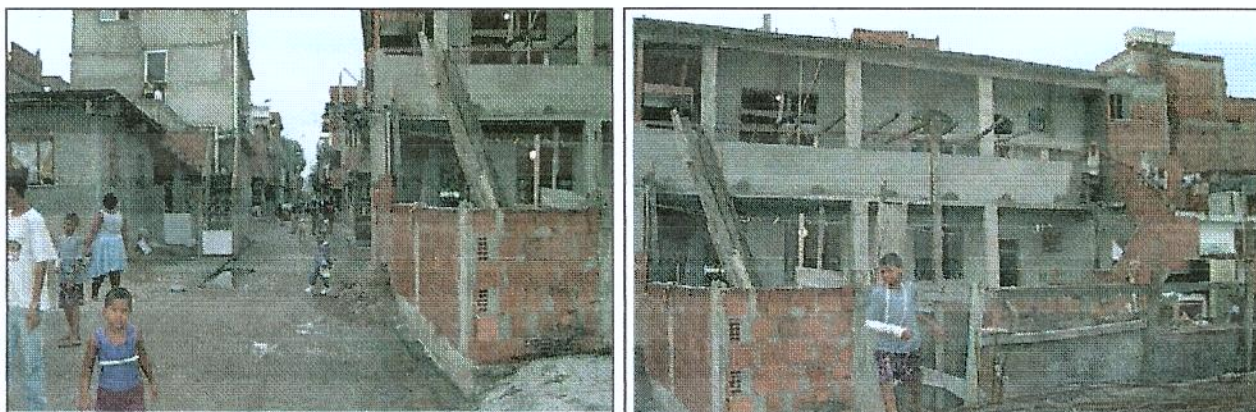
²³ Ver a tabela anexa sobre a origem regional dos entrevistados.

foram modificando suas moradias, recorrendo a materiais mais duráveis como tijolos, cimento e telha de amianto.

Na década de 1940, a "Favelinha do Manguê de Bonsucesso"²⁴ já estava formada e com a ameaça de remoção, seus moradores começaram a se organizar. Uma comissão de moradores conseguiu, junto às autoridades responsáveis, o adiamento da remoção.

No início dos anos 50, surgiram novas comunidades a favela Parque Major Rubens Vaz e Parque União. Durante toda década de 60, deu-se a construção de um conjunto habitacional de casas de madeiras, promovido pelo governo do então Estado da Guanabara. No final da década de 60, os moradores das favelas do Esqueleto foram removidos para o Complexo da Maré. A favela do Esqueleto ocupava uma construção abandonada do Governo do Estado. A favela cedeu lugar à implantação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no bairro do Maracanã - Zona Norte da Cidade. Os moradores da Praia do Pinto - que se localizava entre os bairros da Lagoa e Jardim Botânico - na zona sul da cidade, depois de um incêndio, não puderam modificar suas moradias por recomendação de órgãos públicos. Estes moradores foram removidos para Complexo da Maré.

²⁴ Sobre a história e formação do Complexo da Maré ver MONARCHA, Sandra. *Espaço Favela: O Projeto Rio e a Favela da Maré*. Dissertação de Mestrado. IPPUR/UFRJ, 1984; Rio de Janeiro. Ver também SANTOS, Carlos Nelson dos. *História da Maré*, 1990; Rio de Janeiro.



Fotos relativas a uma rua e a casas do Complexo da Maré, onde se vê:

- 1) rua secundária de pouco movimento;
- 2) uma casa em construção;
- 3) três tipos diferentes de moradia, em primeiro plano uma casa em fase final de construção, seguindo o padrão de auto-construção, em segundo plano uma construção acabada e em terceiro plano uma casa com revestimento de cerâmica.

Os primeiros habitantes do local construía suas moradias a noite para evitar a repressão policial. Mesmo depois da ocupação de todo mangue, os moradores se viam às voltas com a ameaça de remoções para outras áreas. Em 1955, a ameaça foi formal e os moradores tiveram que resistir a um ordem de despejo por ação judicial. Os motivos usados como justificar a remoção eram: a precariedade das moradias, a falta de saneamento básico, na década de 60; mais tarde, a construção do Aeroporto Internacional, nos anos 70; e recentemente a construção de uma via expressa - a Linha Vermelha.

Os moradores do Complexo da Maré nomearam seus representantes e resistiram a sucessivos projetos de remoção. Entre 1970 e 1980, em um esforço conjunto, os moradores das favelas tiveram a adesão de técnicos de órgãos públicos, ativistas políticos e de organizações não-governamentais. Iniciaram-se as obras de saneamento básico e edificações de conjuntos habitacionais, para abrigar os moradores das palafitas. Somente a partir da década de 80 os moradores da Nova Holanda puderam construir novas moradias de alvenaria.

As subdivisões e os bairros foram surgindo por ocasião das sucessivas invasões na área. Os grupos vindos de outras

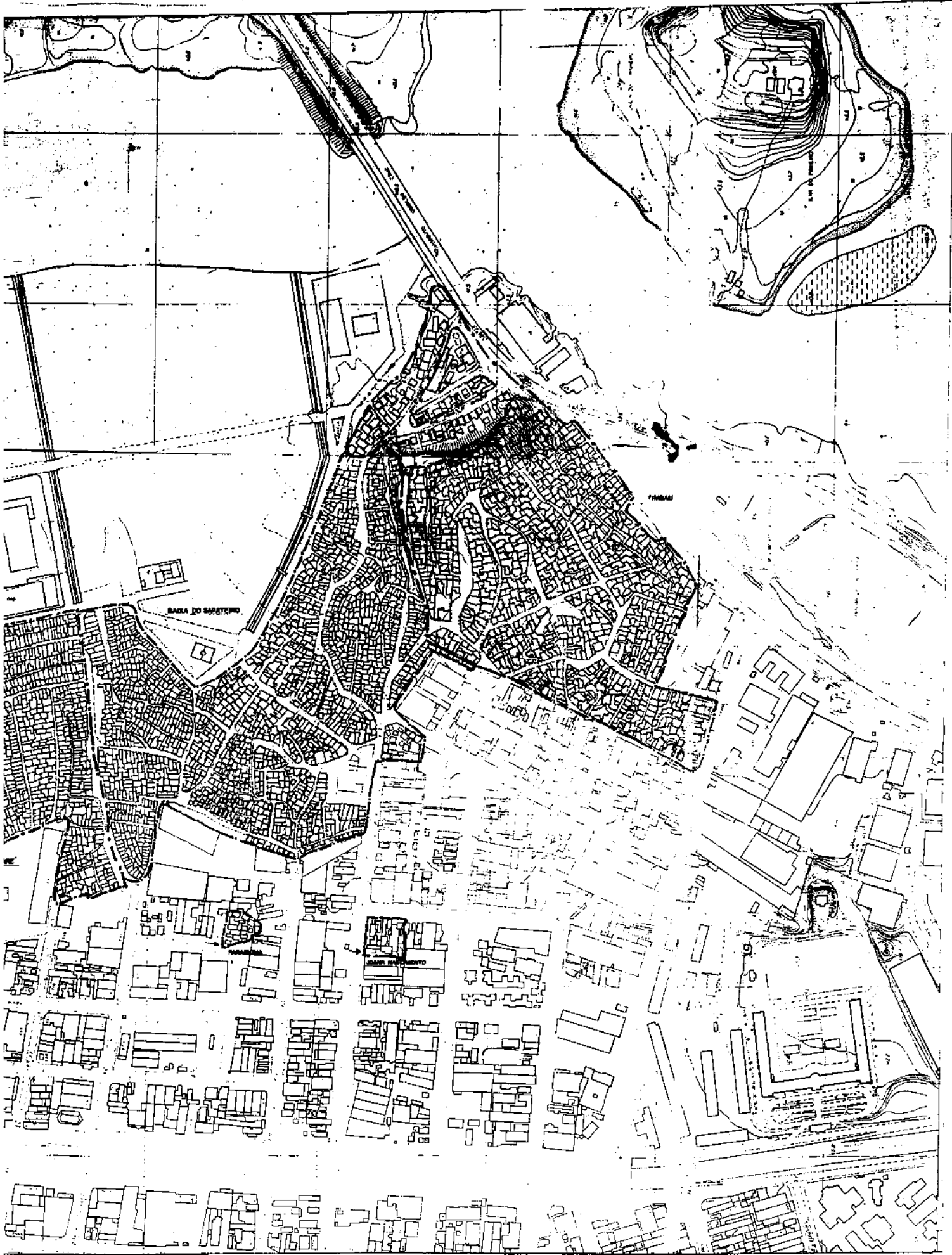
favelas e remoções mantinham-se separados. As separações das comunidades são demarcadas por determinadas ruas, valas e praças. Diante de tais divisões em uma mesma rua encontramos moradores de até três diferentes favelas. A proximidade entre as comunidades não invalida antigas rivalidades e conflitos no interior do Complexo da Maré, da mesma forma que diante de interesses comuns ocorre a aproximação entre as comunidades²⁵. Nesse sentido, as associações de moradores surgem como alternativa para amenizar as tensões e os conflitos. Emergindo como instância de mediação. A partir de redes de vizinho se formam as comunidades; por sua vez, as comunidades elegem seus representantes delegando poderes para a negociação junto ao poder público.

I.3. O Bairro: Comunidade e Políticas Públicas

Com o passar do tempo, a favela cedeu lugar a um bairro popular. Os invasores da área do mangue tornaram-se proprietários de suas casas. Constituíram famílias, criaram seus filhos e netos. Legalizaram suas propriedades a partir da criação do Iplan-Rio, que cadastrou, em 1981, as favelas do Município para então realizar obras de urbanização e legalização das propriedades.

²⁵ Ver mapa na página seguinte.





Os moradores do Complexo da Maré trabalham na construção civil, indústrias e outras atividades²⁶ com baixas remunerações - um a cinco salários mínimos - e que exigem, relativamente, pouca ou nenhuma escolaridade. (Compans, Karsch e Gomes, 1992:52)²⁷.

Com o afastamento do temor da remoção por parte dos órgãos públicos, os moradores só temem a expulsão por outros moradores: os donos do movimento²⁸. Segundo os entrevistados, *para viver na favela é preciso saber viver*. Isto significa dizer que os supostos comandantes do tráfico de drogas impõem regras e as administram. A manutenção da propriedade depende da postura individual dos moradores. As regras são do conhecimento de todos a principal delas e talvez a única explícita é *ficar na sua*. Isso quer dizer ser trabalhador, saber de tudo e nada falar²⁹.

De volta ao Complexo da Maré, pretendia realizar entrevistas junto a dez unidades domésticas do Complexo da Maré. A princípio seriam entrevistadas todas as pessoas residentes no local. Nem todas as entrevistas previstas foram concluídas. Entre o projeto inicial e as condições concretas do trabalho de campo muita coisa ocorreu. Foram realizadas entrevistas com vinte moradores de oito unidades

²⁶ Ver tabela anexa sobre a participação dos entrevistados nos setores econômicos.

²⁷ KARSCH, Thomas e COMPANS, Rose (1992) *Política Social, Conflitos e Participação: Um Diálogo na Maré*. Rio de Janeiro, FASE/GTZ.

²⁸ Os termos e expressões em itálico são transcrições de falas e/ou entrevistas dos moradores do Complexo da Maré.

domésticas, entre homens e mulheres, jovens e adultos. As histórias de vida, os depoimentos e narrativas formam uma das fontes para essa pesquisa, talvez a principal delas.

Nesse retorno ao Complexo da Maré, para a realização de novas entrevistas, fomos à procura de antigos conhecidos ligados à Associação de Moradores. Um amigo meu - militante de partido político - se mostrou disponível para me acompanhar até lá. Ao chegarmos ao local, não encontramos estes antigos integrantes, das Associações de Moradores. Helena e sua irmã Sônia haviam mudado para outro Município do Estado³⁰. Mas, ainda assim, foi possível localizar um primo do meu amigo. Apesar de não sabermos o endereço do morador, conseguimos encontrá-lo. No antigo endereço de Helena, nos foi informado o local, onde poderíamos encontrar um antigo morador, que *conhece todo mundo*. O morador é compadre de Helena, fomos avisados da mudança e também nos foi indicado o endereço do primo do meu amigo. Este era Manuel, que não foi entrevistado, mas com quem tivemos a oportunidade de conversar e iniciar esta fase do trabalho de pesquisa, junto aos moradores da Maré. Logo depois das apresentações fomos levados à casa de Carmem, irmã mais nova de Manuel. Fomos novamente bem recebidos.

²⁹ Esse aspecto será desenvolvido no II capítulo.

³⁰ Seguindo uma prática da Antropologia, as referências aos entrevistados são feitas por nomes fictícios.

À primeira vista fui confundida com uma vereadora carioca em busca da reeleição. Esta "confusão" pode estar relacionada, em grande parte, a dois fatores distintos: a presença do Paulo, que é militante político ligado à vereadora em questão, e também por um possível semelhança física entre nós duas. A confusão foi desfeita. No entanto, durante muito tempo, os moradores do Complexo da Maré dialogavam comigo a partir da imagem inicialmente vinculada. Havia nas falas um tom de denúncia e reivindicação política. Todos sabiam que eu não estava fazendo política partidária, mas de alguma forma parecia estar associada ao poder.

A vereadora cedeu lugar à funcionária da Prefeitura. Novamente procurei explicar a diferença entre a minha pesquisa e o Projeto Favela-Bairro, desenvolvido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, como parte das obras de urbanização de determinadas áreas da cidade. Ainda assim, a imagem de uma pesquisadora autônoma não se constitui em uma referência, suficientemente definida a ponto de se sobrepor a imagem associada ao poder público. Tudo indica que a proximidade com militantes políticos corroborou para a difusão dessa imagem.

O que parecia ser um mal-entendido influenciou no encaminhamento da pesquisa. Se, por um lado, o acesso à comunidade foi facilitado, por outro, ouvi uma gama de

reivindicações que foram desde a falta de escolas públicas de 2º Grau até a necessidade da construção de um supermercado³¹.

Carmem tornou-se minha principal informante; apresentou-me a seus conhecidos como sendo uma prima que estava fazendo um trabalho para a Faculdade. Em nenhum momento questionaram a nossa possível relação de parentesco. Ao contrário, alguns até viam uma certa semelhança física entre nós. Penso que tanto a atribuição do parentesco, assim como a nossa semelhança, tornaram-se possíveis porque sou negra, assim como a moradora³². Os termos de parentesco envolvem as *pessoas de fora*, protegendo-a de maiores problemas de trânsito e permanência no local. Sendo reconhecida como parente pode circular sem qualquer empecilho. Nas favelas, tanto o acesso quanto a permanência de *pessoas estranhas* devem ser mediados por algum morador do local.

Desde o primeiro dia de trabalho, fiquei surpresa com a boa vontade de todos. Isto não quer dizer que não houve recusa. Mas as recusas eram sempre precedidas de longas explicações e muitos pedidos de desculpas. Alguns mandavam entrar, outros atendiam no portão e outros poucos não atendiam.

³¹ Antes mesmo do término da pesquisa no Complexo da Maré e independente da minha atuação, é óbvio, uma das reivindicações mencionadas acima foram atendidas. Em 1997 um grupo não muito expressivo do comércio varejista do Rio de Janeiro, inaugurou o supermercado Atlântico, na Avenida Brasil, uma das vias de acesso ao interior do Complexo do Maré.

Os moradores do Complexo da Maré como um todo são receptíveis a pesquisas acadêmicas. Muitas pesquisas foram ali realizadas. A proximidade do campus da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado na Ilha do Fundão - torna ainda mais estreita a relação com profissionais e estudantes das mais diversas áreas. Há, inclusive, um posto médico mantido pela Universidade no Complexo. Mesmo com tanta proximidade com assuntos ligados à Universidade, tive dificuldades para ser compreendida. Entre as carreiras universitárias, a Antropologia não é das mais populares - o que dirá entre os moradores do bairro estudado. Os moradores do bairro estão informados da existência de outros ramos do conhecimento. No entanto, apenas os profissionais da área de saúde e assistentes sociais desenvolvem atividades junto à população do Complexo da Maré.

1.4. Narrativas: "lembrança" e "linguagem"³³

No período que compreende Março a Julho de 1996 e Maio a Agosto de 1997, realizei entrevistas com vinte moradores do Complexo da Maré. Para tanto, entrevistei pessoas conhecidas entre si e que me foram apresentadas por aqueles que foram entrevistados anteriormente. Dessa forma, tive

³² Esse dado será problematizado no Capítulo III.

³³ HALBWACHS, Maurice (1990) *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice

acesso a uma rede de relações constituída por conhecidos entre si.

Uma vez no interior da unidade doméstica procurei conhecer todos os seus integrantes. Isto nem sempre era possível. Na maioria das vezes, os moradores desempenham diferentes atividades nos horários mais diversos, permanecendo longos períodos ausentes. Contudo, conversei com todo aquele que dispunha de tempo e interesse de conceder entrevistas ou simplesmente conversar.

De um modo geral, iniciei as entrevistas com perguntas sobre a história de vida. Somente depois do relato inicial perguntei sobre as categorias de cor e as possíveis especificidades das formas de organização das unidades domésticas com base nessas categorias. Procurei estabelecer conexões entre o que era dito e aspectos recorrentes da bibliografia sobre o tema. As informações disponíveis sobre as unidades domésticas foram obtidas através de questões específicas postas aos moradores.

Como ocorre em entrevistas abertas, o controle do tempo e das questões propostas por parte do entrevistador (a) não é absoluto. As duas partes, entrevistador(a) e entrevistado(a), travam um diálogo, por um período de tempo delimitado e de comum acordo. Como sugere Suely Kofes (1994), na interpretação de experiências sociais a atenção

deve estar direcionada para uma série de fatores³⁴ tais como o entrevistado articula reflexão (contém uma análise sobre a experiência vivida) e evocação (transmite a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito) - (Id:120)³⁵. Ao entrevistador (pesquisador) cabe ler a narrativa da história de vida, levar em conta esses elementos, considerá-los na situação de entrevista e também intercruzá-la com outras narrativas. A partir dessa perspectiva é possível se ter acesso a situações específicas e às categorias formuladas no interior das unidades domésticas. Tais indicações se constituem em importantes referências para a minha pesquisa.

A história de vida consiste em uma reconstrução de determinados acontecimentos da trajetória individual do narrador. Esta reconstrução é estimulada pelo interesse do pesquisador e se dá em uma relação específica. Apesar disso, os dados apreendidos com este recurso revelam uma experiência coletiva. Halbwachs (1990) argumenta que a lembrança adquire importância na medida em que reconstrói o passado a partir de um referencial histórico da vida

³⁴ 1º) de que os relatos são motivados pelo pesquisador e implicando sua presença como ouvinte e interlocutor 2º) de que se trata de material restrito à situação de entrevista. Isto é, estarei considerando apenas o que foi narrado ao pesquisador pelo entrevistado sem a complementação de outras fontes; 3º) daquela parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia. (Idem:118)

³⁵ KOFES, Suely. (1994) Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP.

social³⁶. No cruzamento entre o presente e o passado emerge a lembrança traduzida pela linguagem³⁷.

Nas narrativas de histórias de vida dos moradores da Maré, há vários temas recorrentes que são compartilhados por grande parte dos entrevistados. Estes temas e são relacionados à dificuldade econômica, perda de entes queridos e o trabalho na idade infantil. As diferentes trajetórias individuais possuem muitos aspectos em comum. Como pretendo mostrar a concessão de uma entrevista, ao mesmo tempo que, recupera a trajetória individual, possibilita a reconstrução da história através da lembrança. A lembrança, relatada no presente, pressupõe a recuperação do passado e a formulação de expectativas quanto ao futuro. De fato, as falas dos moradores do Complexo da Maré estão relacionadas à redes de sociabilidade. Mas, isso não significa dizer que haja unidade nas falas e narrativas. Uma das maiores dificuldade em analisar narrativas baseadas na memória coletiva a partir da memória individual consiste em

³⁷ Em suas próprias palavras: "Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (...) Dessas combinações, algumas são extremamente complexas. É por isso que não depende de nós fazê-la reaparecer. É preciso confiar no acaso, aguardar que muitos sistemas de ondas, nos meios sociais onde nos deslocamos materialmente ou em pensamento, se cruzem de novo e façam vibrar da mesma maneira que outrora o aparelho registrador que é nossa consciência individual. Mas a espécie de causalidade é a mesma aqui, e não poderia ser diferente de outrora. A sucessão de lembranças, mesmo daquela que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações

penetrar nas zonas de sombras e silêncio. Diante da linguagem e da lembrança, a pesquisa empírica pressupõe novas perspectivas, abordagens e análises.

I.5. Trajetórias: Os moradores entrevistados

Manuel foi o primeiro morador do Complexo a nos ser apresentado. Ele tinha, na época da pesquisa de campo, 50 anos, é casado com Maria; juntos eles têm seis filhos e três netos. O morador tem uma oficina de aparelhos de TV, que funciona ali mesmo. Todos os filhos e netos moram juntos. A casa da família segue um padrão inacabado, muito comum no local. Trata-se de uma construção de paredes sem reboco, portas e janelas improvisadas, com madeiras reaproveitadas e com piso de cimento. A mobília não é nova; tem geladeira, fogão, televisão, cadeiras e vários utensílios doméstico, tudo com muito tempo de uso.

Manuel fala pouco, não é muito alto, é magro e se auto-classifica como *mulato*. Sua esposa é branca, os filhos mestiços e os netos são brancos. Este senhor de fala mansa e muito tímido me apresentou a alguns de seus conhecidos, que não são poucos; com ele mesmo foi difícil conseguir entrevista. Mas a minha permanência no local ficou mais fácil depois de tê-lo conhecido. Manuel nos apresentou a

desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto" (Halbwachs, 1990:51).

Carmem.

Carmem é costureira, supõe ter 39 anos de idade, tem três filhos: Jacques, com 21 (ou 19 anos)³⁸, é o mais velho; Júnior tem 17 anos e Luan, o mais novo, tem pouco mais de um ano. Os filhos vieram cada qual de uma união. Todos são classificados como negros. Atualmente Carmem vive em união com Zé, funcionário do correio, que tem 36 e é o pai de Luan. O casal mantém duas casas no Complexo: uma é dele e a outra é dela. A manutenção das duas casas foi uma decisão do casal; uma casa é comum a Carmem e seus filhos, e a outra é do Zé, Carmem e o pequeno filho do casal. Carmem e Zé foram muito solícitos, concederam entrevistas, apresentaram seus conhecidos e me acompanharam durante o percurso nas ruas do Complexo da Maré. Através deles foi possível conhecer muitos moradores; isso sem falar que procuraram tornar minha permanência no Complexo da Maré o mais agradável possível. A casa de Carmem estava em fase final de construção. Por ocasião das últimas visitas estavam sendo colocadas as portas internas. Segundo ela, tudo foi feito aos poucos, desde a compra do material, a definição do número e tamanho dos cômodos. A casa tem seis cômodos, sendo três dormitórios, sala, cozinha e banheiro cada um dos dormitórios é para cada um dos filhos maiores, o outro para o casal e o filho menor. Além dos moradores efetivos há

³⁸ Carmem afirma que o filho tem 21 anos, enquanto o próprio afirma ter 19 anos. Esse aspecto será desenvolvido no capítulo IV.

também os eventuais: a mãe e o padrasto da dona da casa. No presente momento está sendo construída, no segundo andar, uma nova casa que abrigará Jacques - o filho mais velho e sua esposa, depois do casamento. Os moradores dispõem de móveis e eletrodomésticos novos, tais como máquina de lavar, videocassete, TV a cores, aparelho de som entre outros.

Simultaneamente à minha permanência junto a Carmem, Zé, Jacques, Júnior e Luan, fui sendo apresentada a outros moradores do Complexo da Maré. Nem todos concederam entrevistas, mas grande parte sim. Este foi o caso de Dona Lucy - vizinha e amiga de Carmem.

Dona Lucy é faxineira, declara ter 42 anos e se auto-classifica como mestiça. Atualmente, Dona Lucy vive em união com Valdir. Seu Valdir tem 45 anos, trabalha como biscateiro, sem ocupação definida. Os dois juntos têm dois filhos; Dona Lucy tem uma filha de uma união anterior.

A casa onde moram o casal Dona Lucy e seu Valdir, os dois rapazes, e um sobrinho órfão de Dona Lucy - tem oito cômodos são duas salas, três dormitórios, cozinha, banheiro e uma área coberta. A casa foi ampliada (para conter um dormitório, uma sala, de um banheiro reformado) por ocasião do nascimento da neta de Dona Lucy. Jessyca tem quatro anos é a única filha de Luciana, filha mais velha de

Dona Lucy. Luciana tem 19 anos. A jovem casou-se e agora mora em outra comunidade do Complexo da Maré. Dona Lucy espera poder alugar parte da casa e assim aumentar a renda familiar, que hoje gira em torno de dois salários mínimos.

Antes mesmo de conhecer todos os moradores da casa de Dona Lucy, fui apresentada a Solange, filha de Dona Helena. Solange tem 26 anos, é costureira e está desempregada junto com sua mãe, uma empregada doméstica aposentada, toma conta de crianças cujas mães exercem alguma atividade profissional; este é o caso de Luan, filho de Carmem e Zé. Na casa de Dona Helena, moram Solange e Marcos. Apesar de várias tentativas, não cheguei a conhecer Marcos. Dona Helena se auto-classifica como negra, enquanto a filha Solange se auto-classifica como morena. A casa onde moram se localiza em uma rua secundária, pouco movimentada, e tem seis cômodos subdivididos em três dormitórios, sala, cozinha, banheiro e atrás da casa, um quintal ou área de serviço. Dona Helena tem 65 anos, muitos cabelos brancos, é muito simpática, sorridente e falante.

Carmem e Zé fizeram questão que eu conhecesse Dona Jane e Seu Tião. Eles são pessoas de destaque na comunidade, pois dona Jane dava aulas em casa, o que a tornou muito querida na comunidade. Com este trabalho de professora/explicadora encaminhou muita gente na vida, já

que durante muitos anos alfabetizou crianças e até adultos em sua própria casa. O trabalho era remunerado, mas sempre havia vagas para quem não podia pagar. O Zé foi um de seus alunos. Ele atribui o fato de ter sido aprovado no concurso para a Companhia de Correios e Telégrafos às aulas recebidas na casa de dona Jane. Ela é carioca, tem 52 anos e se auto-classifica como negra, enquanto seu Tião se auto-classifica como mestiço; ele tem 58 anos. O casal tem dois filhos e um neto.

Todos moram no mesmo local, sendo que no mesmo terreno existem três casas: a casa de Dona Jane e seu Tião ocupa o andar térreo, a casa do filho mais velho fica no segundo andar e a casa da filha se localiza no terceiro andar. Na opinião de dona Jane e seu Tião, seus filhos são morenos e seu neto é branco.

As entrevistas foram realizadas, na maioria das vezes, nos finais de semana. A definição por esse horário se deve a um motivo básico: os entrevistados assim o desejaram. Muitos deles trabalham de segunda a sexta-feira, nos mais variados horários. Os finais de semana, sábados e domingos são dedicados à faxina (limpeza e arrumação da casa), às festas (aniversários, casamentos e batizados) e a idas a bares. Nas tardes e noites de sábados e domingos, os bares permanecem cheios. Outro programa muito comum são as

visitas: receber ou visitar parentes e amigos. Os dias e horas reservados ao lazer são compartilhados com amigos, parentes e vizinhos. Os pequenos bares com pagodes, as festas familiares com crianças e adultos são os programas mais comuns, juntamente com as reuniões das mais diversas religiões³⁹. Grande parte dos moradores se diz católica, outros *crentes, evangélicos* e uns poucos se declaram adeptos do espiritismo, da umbanda ou candomblé⁴⁰.

1.6. Violência: "Medo Real e Perigo Imaginário" ⁴¹

No período que compreende o primeiro semestre de 1996, realizei entrevistas com diferentes moradores. Mas retornei muitas vezes ao bairro, para recolher outros depoimentos e na expectativa de tirar algumas dúvidas. Os entrevistados foram indicadas por Carmem, que tem amigos e parentes no Complexo da Maré e nas Associações de Moradores. Houve a preocupação de procurar percorrer o maior número de ruas do bairro, ou seja pelo menos uma unidade doméstica em cada subdivisão do bairro de forma a encontrar moradores de

³⁹ É muito comum encontramos, nos finais de semana, adeptos de diferentes Igrejas e religiões ditas evangélicas pregando e interceptando todos que passam pelas ruas do Complexo da Maré.

⁴⁰ Ver tabela anexa sobre religião.

⁴¹ Tomei de empréstimo do subtítulo do texto de ZALUAR, Alba (1993) *Mulher de Bandido: Crônica de uma cidade menos musical*. Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ: Vol. 1, N^o 1.

vários segmentos. Tòdo esse empreendimento não foi o bastante. Voltei com tantas outras questões.

Durante o período em que permaneci no Complexo da Maré me deparei com conflitos inerentes à própria constituição do bairro. Em março de 1996, presenciei uma série de conflitos relativos à acomodação de desabrigados no Complexo oriundos de outros bairros da cidade. A mudança dos moradores seria feita para a Vila Pinheiro, local próximo da Baixa do Sapateiro, onde inicialmente, a pesquisa estava sendo realizada. Com as ameaças de depredação e as tentativas de invasão ao conjunto habitacional, o projeto de remoção foi adiado. Redimensionei os limites pré-estabelecidos. Atravessei a rua, o limite do conflito, e prossegui com o trabalho de pesquisa. Procurei por antigos moradores atuantes nas Associações de Moradores. Estabeleci contato com outros moradores realizei novas entrevistas, dessa vez em outras comunidades, na Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União e Vila Pinheiro.

A violência aparece como o maior problema para os moradores do local. As pessoas conhecidas me alertavam, a todo instante, como eu deveria agir nas dependências do Complexo da Maré: primeiro, devia sempre estar acompanhada por alguém do local; segundo, conversar somente com os conhecidos e, principalmente, ficar atenta às batidas

policiais. É curioso notar como os avisos eram sempre precedidos de explicações sobre os locais mais violentos. Estes avisos, via de regra, seguem dois padrões: a violência ocorre em determinadas áreas e em determinados horários. entradas que possibilitam o acesso a diferentes comunidades. Ele ocupa uma faixa estreita, porém extensa, entre a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Nos dois sentidos é possível se ter acesso ao interior do Complexo da Maré. Contudo, tanto o trânsito de automotores, quanto de pedestres ocorre pelas ruas asfaltadas que têm saída pela Avenida Brasil. Do lado da Avenida Brasil as ruas têm trânsito intenso, enquanto que pela Linha Vermelha circulam apenas pedestres.

As comunidades localizadas à margem da Avenida Brasil dispõem de iluminação pública e contam com efetivo policiamento, em função da presença de um destacamento do 22º Batalhão da Polícia Militar. O destacamento encontra-se localizado na Avenida Brasil, entre as comunidades de Nova Holanda e Parque União. As comunidades localizadas no interior do Complexo da Maré, seguindo em direção a Linha Vermelha, permanecem sem iluminação adequada e policiamento efetivo. Esta área é, então, tida como mais violenta e perigosa.

Nesta faixa localizam-se as comunidades do Morro do Timbau, Vila Pinheiro, Vila do João e a parte alta da Baixa

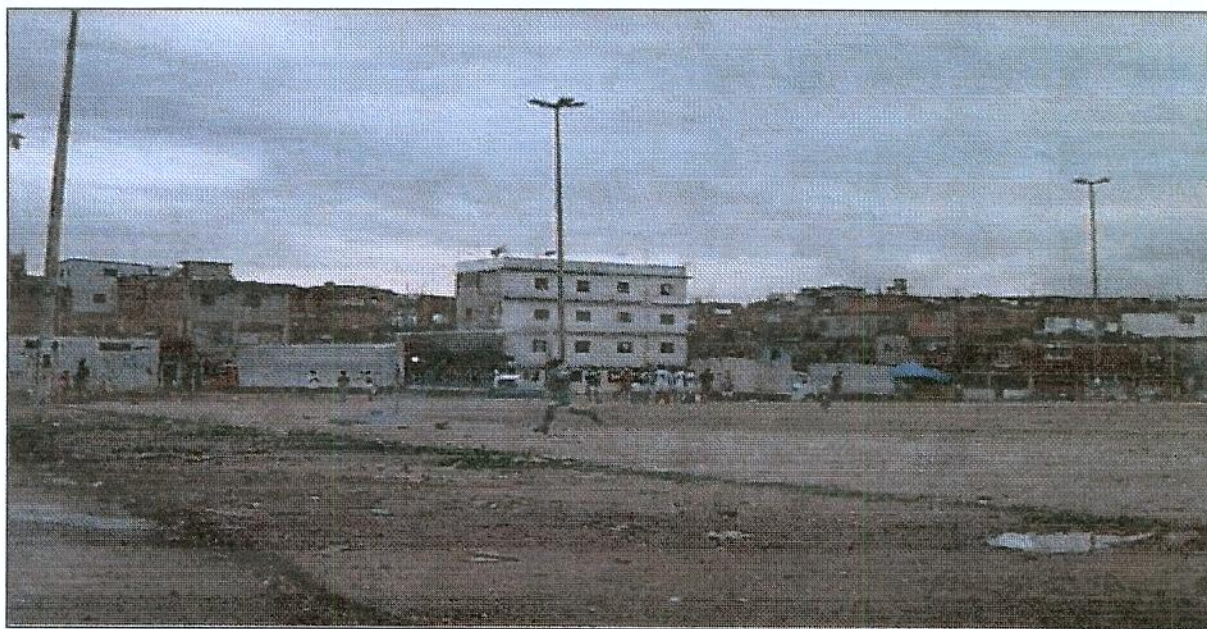
do Sapateiro. Esta área encontra-se na parte mais alta do Complexo da Maré, e apesar da proximidade geográfica com as comunidades de Nova Holanda, Major Rubens Vaz e Baixa do Sapateiro, área onde foi realizada a pesquisa, se mantém fronteiras simbólicas que as separam. Mas as fronteiras para sua atuação são constantemente negociadas.

Alba Zaluar (1994), ao analisar conflitos decorrentes da violência em bairros populares do Rio de Janeiro, afirma que os moradores dessas áreas da cidade aderiram ao recolhimento no lugar do enfrentamento, diante do que seria a ação do crime organizado. Tráfico de drogas, assaltos, homicídios estão entre as modalidades de violência mais citadas⁴².

Nunca presenciei qualquer cena de confronto direto entre moradores e polícias, no Complexo da Maré, mas ouvi falar de tudo que é tipo de conflito. Este fato pode ser interpretado como sendo indicativo do "medo imaginário", por um lado. Mas, por outro lado, a violência existe na prática⁴³. Talvez diante dessa violência na prática as associações de moradores atuariam como instância de mediação⁴⁴.

⁴² Na opinião da autora "o medo imaginário, fruto do real, adquiriu tonalidades próprias, diferentes dos bairros de classe média. Porém, lá como cá, as pessoas pareceram mais isoladas dentro de suas casas em virtude dos novos riscos decorrentes da crise econômica, da inflação e da presença de quadrilhas violentas." (Idem, 128)

⁴⁴ A participação das associações de moradores será analisada no Capítulo II.



Na sequência as fotos:

- 1)Vista para a área de lazer, onde se localiza o campo de futebol das Comunidades Parque Major Rubens Vaz e Nova Holanda;
- 2)Vista para a Ilha do Fundão, onde se localiza a Cidade Universitária, Campus da UFRJ.

I. Conclusão

No presente capítulo busquei recuperar, através das narrativas dos moradores, a história da formação do Complexo da Maré. Nesse sentido, é curioso notar que desde o início da ocupação da chamada área do mangue, os moradores procuravam estar próximos de amigos e parentes. As áreas ocupadas eram demarcadas por relações de parentesco. Dessa forma, a noção de parentesco torna-se de fundamental importância na compreensão das relações sociais no Complexo da Maré. Esta noção tem na categoria *consideração* uma forma de selecionar parentes, assim entre consangüíneos e afins, encontram-se os mais *considerados*, como pretendo mostrar no próximo capítulo. Com isso se pode ressaltar uma possível especificidade na estruturação familiar dos moradores do Complexo da Maré.

CAPÍTULO II. Parentesco por consideração e duas situações de conflito.

II. Introdução

Neste capítulo, pretendo desvendar os elementos subjacentes a duas situações específicas que denominei: o caso da herança e o caso da aparição. Esses casos, por um lado, estão relacionados a momentos excepcionais da vida social e, por outro, podem ser vistos com formas de afirmação da vida cotidiana. Os dois casos se relacionam e podem ser encarados como sendo representativos do modo de vida e visão de mundo dos moradores do Complexo da Maré. A categoria consideração como termo de parentesco está presente nos dois casos e se tornou de fundamental importância na compreensão da organização no interior das unidades domésticas. Como pretendo mostrar no decorrer desse capítulo, a noção de família emerge como categoria central nas narrativas dos moradores entrevistados.

II.1. *Consideração: o caso da herança.*

No domingo, dia 26 de Maio, fui ao Complexo da Maré com o objetivo de realizar entrevistas com Carmem e Zé. O encontro havia sido marcado na visita anterior. Cheguei às 10 horas, conforme o combinado. Carmem, como das outras vezes estava muito ocupada; ora às voltas com as tarefas domésticas, ora atendia ao chamado da mãe doente e/ou do filho pequeno.

Somente às 15 horas, após servido o almoço, iniciamos a entrevista. Zé ainda falava da infância, quando chegaram à casa o primo e a tia do entrevistado. A tia, uma senhora de mais ou menos 70, vinha do culto dominical da Igreja Deus é Amor, uma Igreja evangélica, localizada na comunidade Rubens Vaz; e o primo, um senhor com mais de 50 anos, acompanhava a mãe. Contudo, não era uma visita amigável. Tratava-se de uma reunião de família para por fim à disputa pela posse de uma casa no Complexo da Maré.

Logo que fui informada do que se tratava, passei a evitar a sala, local onde a família estava reunida. Não demorou muito tempo e Zé me colocou a par do motivo da reunião. A tia, dona Joana, é irmã da mãe do Zé; ela e o falecido marido acolheram Zé, a irmã e a mãe na ocasião da

separação de seus pais. Mais tarde, o pai se reconciliou com a família e também foi morar na mesma casa. O que seria uma condição provisória alongou-se por muito tempo. Durante quase 20 anos os dois grupos familiares formaram uma unidade doméstica. Com o passar do tempo, os filhos se casaram, as irmãs ficaram viúvas e apenas Zé e a tia permaneceram na mesma casa. A tia ficou doente e optou por morar com sua filha na Vila do João, outra comunidade do Complexo da Maré. Zé e Carmem, após o nascimento do filho, resolveram morar juntos. Nessa ocasião, Carmem estava reformando sua casa e o casal mudou-se para a casa de propriedade de dona Joana, que Zé julgava ser sua. No entanto, um dos primos do Zé, neto de dona Joana sentiu-se, lesado e invadiu a casa de sua avó paterna, tentando recuperar o que julgava ser seu por direito.

Diante do impasse, dona Joana foi chamada para decidir sobre a questão. Ela decidiu que a casa ficaria com o neto. Zé não saiu da casa e convocou outros parentes para fazer justiça. Diante do pai e da avó do reclamante apresentou sua defesa. Foi ele (Zé) quem construiu a casa de alvenaria; antes de sua intervenção havia no local um barraco de madeira. Na ausência dos filhos e netos, tomou conta de dona Joana, quando esta ficou doente e, efetivamente, contribuiu com dinheiro para a manutenção da casa. Apesar de

todos saberem de tudo isso, o argumento que deu a Zé ganho de causa foi a consideração pela tia; sendo assim, mereceria igualmente mais consideração por parte da mesma. A casa ficou com o sobrinho e este permitiu que o primo construísse uma nova casa no segundo andar, com entrada independente.

Neste contexto, o direito à herança foi reconhecido por todos como legítimo a partir de uma palavra-chave, *consideração*, ao restabelecer uma relação de parentesco. O não reconhecimento da *consideração* acarretaria no rompimento das relações de parentesco de todo grupo. Por muitas vezes ouvi o termo *consideração* para definir relação de parentesco. Contudo, nos casos narrados, este aparece não só para dissolver uma possível tensão, como também se mostra um argumento poderoso no que se refere à conduta moral dos indivíduos. Isto se torna possível na medida em que ocorre o (re) estabelecimento da rede de ajuda e cooperação com base no reconhecimento da importância da família (consangüínea) na cooperação, onde a *consideração* e o respeito são fundamentais.

Claudia Fonseca (1987), em texto que problematiza a organização familiar entre a população de baixa renda, se questiona sobre a validade de um modelo explicativo para diferentes famílias. A questão surgiu a partir das diferentes formas de organização familiares de uma vila

de Porto Alegre, onde Fonseca encontrou uma série de conflitos entre parentes consanguíneos e afins no interior das unidades domésticas. Nessa vila, os possíveis problemas causados pela instabilidade conjugal ou separação do casal, principalmente a saída do convívio da família do pai das crianças/marido, são amenizados com a participação do irmão da mãe.

Os parentes consanguíneos (irmão da mãe) e afins (pai da criança ou marido) freqüentemente não estão presentes na mesma medida, mas o primeiro pode vir a desempenhar, antes da separação, tarefas de responsabilidade do segundo⁴⁵. Nos dois casos, no Complexo da Maré e na Vila Operária de Porto Alegre, apesar do reconhecimento da linhas materna e paterna, seleciona-se apenas uma linha (a linha paterna ou a linha materna) para manutenção da cooperação entre parentes.

A *consideração* engloba a consangüinidade e emerge como um terceiro termo nas relações de parentesco. Os consanguíneos e afins se sobrepõem os (mais) considerados. Os parentes reconhecidos socialmente e aqueles que adquirem igual status a partir da *consideração* são agrupados em uma escala ordenada hierarquicamente de acordo com o contexto. O termo *consideração* abrange uma série de atitudes e

⁴⁵ Diante de tal especificidade, Fonseca esclarece que: "A insuficiência das várias teorias sincrônicas nos levou a crer que para aprofundar a análise das práticas de organização familiar em grupo de baixa renda, é essencial ter uma noção de sua evolução no tempo, é necessário situar esses costumes em relação às diversas influências históricas exercidas pela Igreja, pelo Estado e pelas peripécias da economia regional." (Fonseca, 1988: 102)

implicações sociais que envolve cooperação, amizade e principalmente colaboração. O parentesco por *consideração* reconhece as relações de consangüinidade e afinidade, seleciona as possibilidades e a manutenção de determinadas relações de parentesco. Esse termo, *consideração*, relaciona-se com diferentes aspectos da vida social. Estes aparecem nas narrativas de história de vida dos moradores do Complexo da Maré, sobretudo, nas referências à ocupação/remoção, construção/reforma e transmissão da posse da casa⁴⁶. Por sua vez, essas referências são realizadas a partir de dois padrões distintos e excludentes; a negação e a afirmação da necessidade da manutenção de determinadas regras sociais que valorizam a solidariedade entre os membros da comunidade.

Consideração enquanto categoria de parentesco encontra-se relacionada a diferentes aspectos da vida social. Louis Marcelin (1996), em sua tese de doutoramento sobre a família no Recôncavo baiano, afirma que a categoria *consideração* teria como correspondente a categoria *respeito*. No sistema descrito por Marcelin, *consideração* aparece na relação dos mais velhos com os mais novos, enquanto *respeito* seria o correspondente utilizado pelos mais novos em relação aos mais velhos. Assim, *consideração* e *respeito* denotariam posições

⁴⁶ Ver tabela anexa sobre a construção da moradia.

diferenciadas no sistema de parentesco.

Entre os moradores do Complexo da Maré, me parece que *consideração* teria como sinônimo *respeito*⁴⁸, posto que, diante do material etnográfico coletado e das observações de campo, as duas categorias são usadas uma em substituição e/ou como sinônimo uma da outra. Contudo, nos dois casos, as categorias *consideração* e *respeito* indicam a necessidade da manutenção na cooperação entre parentes⁴⁹.

Da mesma forma que presenciei as idas e vindas do caso descrito acima, pude acompanhar o desenrolar do que denominei o caso da aparição. Trata-se também de uma disputa familiar. No entanto, o conflito nesse caso gira em torno de outra ordem de valores.

⁴⁸ Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa *consideração* (Do lat. *consideratione*), s. f. 1. Ato ou efeito de considerar. 2. Importância dada a alguém; respeito, estima. 3. Reflexão, raciocínio. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986. De acordo com 2ª definição, temos que a língua portuguesa prevê o uso da palavra *consideração* como sinônimo para *respeito*. No entanto, o significado da palavra não se resume a isto.

⁴⁹ Woortmann (1986) busca compreender as relações de parentescos junto à população pobre de Salvador. No que se refere à composição das famílias, Woortmann indica a existência de uma prática social similar à "circulação" de crianças demonstrada por Fonseca: a "circulação de homens" (...) "os homens podem ser vistos como "parceiros itinerantes", descolando-se de um grupo doméstico para outro, ao sabor das flutuações de sua vida econômica; as mulheres, ao contrário, são mais "sedentárias", tendendo a permanecer numa mesma casa com seus filhos, e aí recebendo sucessivos parceiros. Estes últimos, de fato, tendem a ser percebidos como provavelmente temporários." (Woortmann, 1986:86) Ao que tudo indica as mulheres, em oposição aos homens, permaneceriam junto as unidades domésticas.

II.2. Dona Jane: Mãe por Consideração e o Caso da Aparição.

Dona Jane já havia sido entrevistada; muito simpática, insistiu para que eu fosse a sua casa tomar um *café com bolo*. Diante da amabilidade e dos sucessivos convites, no sábado, dia 8 de Junho, fui à casa de dona Jane e Seu Tião para um café ao final da tarde.

Ao passar na rua em frente à casa de dona Jane, fui chamada à sala. Lá já estavam os dois à minha espera.

Nesse dia, dona Jane, que tem problemas respiratórios, não estava bem; queixava-se de *falta de ar* motivada por uma crise de bronquite. Diante da minha presença, seu Tião foi à cozinha preparar o café, enquanto nós duas iniciávamos uma conversa em torno do males associados à bronquite. Não tardou para que aquela senhora falasse da noite maldormida. Nesse momento teve início a descrição do caso da aparição.

Dona Jane e seu Tião têm dois filhos adultos; os dois, um rapaz e uma moça, são motivo de orgulho para os pais. Ambos são trabalhadores, construíram suas casas e constituíram famílias. O motivo do mal-estar de dona Jane não são os filhos ou o marido, mas sim um sobrinho falecido.

Uma irmã de dona Jane teve seis filhos entre os quais

Wagner, que desde o nascimento foi morar com a tia. A mãe fora abandonada pelo marido, precisava trabalhar e não tinha com quem deixar as crianças pequenas. Assim, deixou os filhos menores aos cuidados de amigos e parentes próximos. Dessa forma, Wagner foi morar no Complexo da Maré com os tios e primos. Os irmãos dele foram morar em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, com outros parentes⁵⁰.

Wagner cresceu junto aos filhos de dona Jane e como se fosse seu filho caçula. Pequeno e meio doente o garoto, que fora abandonado pelo pai, era alvo dos maiores cuidados por parte da nova família. Um dia o então rapaz, com 17 anos, foi visitar os parentes na Baixada Fluminense; no percurso de volta a bordo de um trem, caiu nos trilhos, tendo morte instantânea. Dona Jane ficou doente e segundo ela nunca mais foi a mesma.

A história adquiriu outros contornos para dona Jane após a descoberta da morte do pai de Wagner nas mesmas circunstâncias, exatamente um ano antes, no mesmo mês e dia da morte do rapaz. Na medida em que a busca ao pai de Wagner, para informar a ele

⁵⁰ Entre os estudos recentes sobre pobreza Cláudia Fonseca (1995) percebe que entre as famílias pobres do Rio Grande do Sul que vivem momentos de rupturas - morte de um dos cônjuges, separação e desemprego - ou entre famílias com alteração na relação conjugal os pais dividem a responsabilidade e o cuidado das crianças com uma grande rede de sociabilidade, na qual a família está envolvida. A autora afirma que a partir da "circulação de crianças" se estabelece uma rede onde, a responsabilidade sobre a criança, torna-se coletiva. A circulação consiste numa prática bastante difundida entre as famílias pobres, onde as crianças permanecem sobre a guarda de um parente, madrinha ou padrinho, preferencialmente alguém da rede de relações da mãe. A criança não é dada em adoção. A circulação de crianças ocorre dentro de uma lógica de prescrições morais no interior da rede de parentesco. Ocorre na falta de uma instituição pública adequada, as crianças são colocadas na FEBEM, instituição responsável por crianças abandonadas. Com o passar do tempo, tendo a família (ou a mãe) se estabilizado, as crianças são

sobre o filho, resultou na descoberta da morte do pai, todos passaram a crer no fato de que o primeiro havia *retornado* para buscar o filho. A crença na interferência dos mortos nos vivos perturbava dona Jane. E esse é ponto central desse caso. A mãe biológica do rapaz, que havia se tornado *Mãe de Santo*, alegava que desde sua morte presenciava aparições do filho morto⁵⁰. Dona Jane duvidava da irmã. Segundo a moradora entrevistada, o *espírito do rapaz* só apareceria para ela (dona Jane), pois ela seria a pessoa que ele teria mais *consideração* e não a mãe (biológica) que o havia abandonado. Desde então, aquela senhora sonhava com o sobrinho-filho. Em um desses sonhos, Wagner falava para a tia-mãe que teria voltado para ela. E algo aconteceu depois desse sonho. O neto de dona Jane recebeu o nome de Wagner.

As trajetórias narradas, assim como as atuações dos indivíduos, remetem a um sistema de crenças onde mortos e vivos interagem, a partir dos mesmos códigos. A interferência dos mortos, na condição de espírito visível, no caso do sobrinho-filho, demonstra o reconhecimento de um plano da vida social onde mortos e vivos podem se comunicar. Dois mecanismos distintos são acionados com o mesmo propósito: legitimar a posição de mãe do morto. A mãe biológica tornou-se mãe-de-

⁵⁰ Faço a distinção entre a mãe biológica e a mãe de consideração por se tratar de um ponto importante na narrativa desse caso.

santo. Dessa forma, sua atuação teria, então, mais legitimidade no que se refere à mediação entre mundos⁵².

Em contrapartida, a mãe por *consideração* estabelece a mediação entre os dois mundos, nesse caso, através dos sonhos. O desenrolar da disputa não aponta para uma resolução. Contudo, nos casos citados evidencia-se a ênfase atribuída à maternidade e à reprodução como uma prática feminina. Com efeito, não é mera coincidência que, tanto no caso da herança, quanto no caso da aparição as tensões estão relacionadas com mulheres-mães. A maternidade amplia-se e adquire outra dimensão, serve como amálgama na construção de um modelo para a organização social. Ao elaborarem esta referência à maternidade os indivíduos estariam demarcando a atuação feminina no domínio doméstico. Entretanto, tal leitura mostra-se insatisfatória. Uma análise mais detalhada pode constatar que a lógica atribuída às mulheres, no domínio doméstico, constitui-se em referência para a consolidação da rede de cooperação mútua.

A disputa no caso da aparição demonstra que a *consideração*, como categoria utilizada na elaboração do parentesco, transcende a ordem terrena e em certa medida está relacionada a outros aspectos da vida social, tais como crenças religiosas.

⁵² Notam-se ainda alguns elementos relacionados com espiritismo, principalmente a crença na reencarnação, assim como elementos do catolicismo sincrético e ainda aspectos da umbanda. Contudo os entrevistados, nesse caso, não falam em nenhuma religião específica.

Nesse e em outros casos, a definição como se fosse também é utilizada para designar um número expressivo de arranjos possíveis entre parentes consangüíneos e afins. Como se fosse indica proximidade e relações de parentesco; sendo assim, se associa a *consideração*.

Nos dois casos descritos podemos notar que a *consideração* aparece na relação entre a irmã da mãe e o filho da irmã, colocado na condição de filho. Portanto, a *consideração* aparece para recuperar a linha materna. Trata-se assim de enfatizar o sistema unilinear, a partir da linha materna.

Trata-se portanto de uma forma de religiosidade que conjuga diferentes religiões e/ou pontos de vista.

II.3. Consideração e Comunicação

As situações de conflito descritas anteriormente relacionam-se a dois fatores distintos e aparentemente antagônicos: a transmissão de bens na ordem terrena e a manutenção de relações entre vivos e mortos na ordem do sobrenatural. Todavia, os dois casos podem ser vistos como sendo motivados a partir do mesmo princípio. A *consideração* enquanto categoria de parentesco define a relação de proximidade entre parentes em diferentes planos, se sobrepõe à hereditariedade na transmissão de bens e transcende a ordem terrena. Diante disso, as narrativas parecem mostrar que a manutenção desse código pode ter outros significados, no que se refere ao parentesco⁵².

A *consideração* é a categoria invariante, na afirmação de uma linha, no sistema de parentesco. Dessa forma, aparecem vinculados *consideração* e afeto, *consideração* e respeito e autoridade, entre outras combinações.

Durante o período em que permaneci junto aos moradores do Complexo da Maré, presenciei uma série de conflitos relacionados à *consideração* enquanto categoria do sistema de

⁵² Lévi-Strauss (1982) argumenta, com base em Mauss (1922), que não há sociedade sem troca. A proibição do incesto proporciona a troca de mulheres e torna possível a aliança entre diferentes grupos sociais. A troca de bens recíprocos, entre sociedades primitivas, não possui, essencialmente, caráter econômico; é dotada de significação simbólica. Dar, receber e retribuir dons são fatores que realizam "a passagem da hostilidade à aliança, da angústia à confiança, do medo à amizade". (Lévi-Strauss, 1982: 194).

parentesco. A *consideração* parece ser um terceiro termo do sistema de parentesco; seleciona-se uma linha deste sistema e nela se escolhe entre os parentes consanguíneos e afins aqueles que são mais significativos na interação dos indivíduos. Dessa forma, na família, na condição de parentes, encontram-se todos os indivíduos que formam uma determinada rede de cooperação. Essa rede é dinâmica; permanentemente inclui determinados parentes e exclui outros de acordo com a sua atuação na rede de cooperação. Nos momentos de tensão e conflito a mediação ocorre por meio da atuação das mulheres, as mesmas que atuam na religião ou na associação de moradores. Esse argumento afirma a participação (política) feminina como estratégia na manutenção da família como princípio e objetivo último.

As mulheres transitam pelas ruas no interior da comunidades dentro dos limites estabelecidos pelas regras de convivência no local. A movimentação dos moradores, principalmente as mulheres e as crianças consiste em ir ao comércio, à escola levar às crianças e às atribuições religiosas. Os homens frequentam bares, jogos de futebol e grupos de amigos. Dentro e fora de casa, as atuações masculina e feminina reforçam a manutenção da comunidade. O local de trabalho, entre outros espaços, muitas vezes se localiza fora do Complexo da Maré. Os outros espaços de

interação social encontram-se no interior da área estudada. Escolas, igrejas, bares, casás de dança, "bailes Funk", pagodes e lojas e serviços são facilmente encontrados na comunidade.

II.4. Comunidade: unidade e conflito

O surgimento da utilização da categoria comunidade em substituição à favela data da década de 70. Esta teria sido uma reivindicação de militantes de diferentes associações de moradores e de diversas áreas remanescentes de favelas. Apesar disso, durante muito tempo a população do Estado do Rio de Janeiro parecia ignorar a existência dessa reivindicação. Somente após 1984 ocorreu a divulgação efetiva dessa categoria. Este fato está associado à estréia de Leci Brandão como comentarista do desfile das Escolas de Samba transmitido pela TV Globo. Leci Brandão é cantora e compositora de sambas de sucessos. A artista tornou-se conhecida por ser a primeira mulher a entrar para a Ala de Compositores de uma das mais antigas escolas de samba da Cidade, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Durante o Carnaval daquele ano a comentarista insistia que as escolas de samba teriam origem nas comunidades. A idéia

era procurar desvincular as áreas pobres do estereótipo de favela associada a criminalidade. Contudo, favela e comunidade guardam semelhanças e expressam diferenças significativas: favela está relacionada ao estereótipo ou ao mito da marginalidade, enquanto comunidade torna-se a referência carregada de outros significados, dessas mesmas áreas.

O termo comunidade é amplamente utilizado pelos moradores do Complexo da Maré para designar um conjunto de variáveis que inclui a espaço físico, a população da localidade e, principalmente, emerge como categoria emblemática para definição de status na hierarquia social.

Eunice Durham (1984) e Alba Zaluar (1985) buscam mostrar o surgimento da categoria comunidade como referência para áreas pobres de grandes centros urbanos. A primeira autora buscou mostrar a relação entre a atuação de seguimentos da Igreja Católica, mais especificamente dos adeptos da Teologia da Libertação, junto aos "pobres e explorados", como sendo determinante para a construção da suposta igualdade mítica entre os moradores dessas áreas.

Já Zaluar aponta para a preocupação política e ideológica na busca por minimizar as diferenças sócio econômicas internas, enquanto estratégia política dos líderes locais⁵³. O movimento político indicado

⁵³ DURHAM, Eunice. (1984) Movimentos Sociais; A Construção da Cidadania. Novos Estudos Cebrap 10, OUT. ZALUAR, Alba. (1985) A Máquina e a Revolta. (2ª edição) São Paulo: Brasiliense, 1994.

anteriormente, parece ter no Complexo da Maré uma maior visibilidade. Como já dito os moradores dessa área têm sido constantemente atendidos em suas reivindicações junto ao poder público e têm, ainda, demonstrado grande poder de negociação junto a diferentes políticos de diversas instância do poder.

A organização nas associações de moradores e na Igreja Católica, Igrejas Protestantes e Pentecostais pressupõe a maior participação feminina em comparação com a masculina.

Em outro texto, desta vez sobre a participação feminina junto à criminalidade violenta, Alba Zaluar (1993) descreve que são poucas as mulheres que se ocupam da chefia de negócios junto a atividades criminosas. A autora, ao fazer um levantamento em um bairro popular do Rio de Janeiro, pode observar que do total de 370 pessoas ligadas ao tráfico de drogas, a participação feminina não chega a 25%. Da mesma forma, entre 1500 pessoas envolvidas e/ou que praticam algum tipo de roubo, as mulheres não formariam um contingente expressivo⁵⁴. A autora não pretende elucidar a relação entre gênero e criminalidade. A questão é complexa; por enquanto é fundamental indicar que as mulheres justificam sua participação em atividades

⁵⁴ Em suas próprias palavras "Estes dados não são muito diferentes dos obtidos em penitenciárias de outros países. Na Inglaterra de hoje, por exemplo, os homens têm seis vezes mais chances de terminar numa penitenciária do que as mulheres, os jovens de menos de 21 anos têm cinco vezes mais possibilidade do que os maiores de 21 anos, e os oriundos da classe operária têm quatro vezes mais possibilidade do que os de classe média. Isto pode ser atribuído às políticas públicas mais repressivas aos

criminosas pela proximidade com homens (filhos, maridos, namorados) criminosos. Haveria, portanto, uma ligação anterior com um criminoso.

No Complexo da Maré, não encontrei qualquer referência a mulheres criminosas. De modo geral, as entrevistadas relatavam uma série de medidas utilizadas na administração dos assuntos da casa; com isso, tem início um processo que não se resume ao âmbito doméstico. Fazer compras, pagar as contas, levar as crianças à escola são atividades que pressupõem o trânsito de pessoas e o conseqüente convívio com o maior problema do Complexo da Maré, qual seja, a violência associada a pontos de comércio e consumo de drogas.

No interior do Complexo da Maré, as atividades freqüentemente desempenhadas pelas mulheres são precedidas por uma organização vinculada à através da participação política dos moradores⁵⁵. O trânsito nas ruas da Comunidade, o acesso ao comércio, as creches comunitárias e as escolas públicas foram viabilizadas pela atuação das associações de moradores como órgãos de pressão, junto as diversas instituições públicas. As reivindicações mais recorrentes têm sido satisfatoriamente atendidas pelo poder público⁵⁶.

jovens, mas também às culturas viris que se disseminam entre eles dentro deste quadro institucional." (Idem: 135)

⁵⁵ Essa discussão será desenvolvida no Capítulo III.

⁵⁶ Segundo dados do Iplan-Rio o Complexo da Maré tem suas reivindicações atendidas em função da mobilização dos moradores.

Nesse sentido, ao que tudo indica, a articulação e mobilização políticas são resultantes do longo processo de negociação relativo ao processo de formação do Complexo da Maré. Nesse sentido, os moradores se articulam a partir de dois grandes grupos distintos; são eles os *conhecidos* e/ou *antigos* em oposição aos *novos*⁵⁷.

No Complexo da Maré, os *conhecidos* são aqueles que integram uma rede de parentes e amigos. Essa integração pode ser de dois tipos: a) a participação direta na ocupação e no aterro da área do mangue; b) ou o pertencimento a um grupo de parentes e amigos que participou na formação do Complexo. Entre os moradores entrevistados, todos se auto denominam conhecidos. Ao que tudo indica, fiquei restrita a um grupo de moradores antigos. Da mesma forma, os *novos* teriam adquirido o direito à propriedade e/ou posse de suas residências mediante as sucessivas tentativas dos órgãos públicos na remoção de outras favelas.

As categorias *conhecidos* e *novos* indicam um tipo de rivalidade e expressam a importância que adquire a cooperação na formação e na auto representação da comunidade. Apesar da aparente semelhança entre os

⁵⁷ A categoria *paraíba* também é freqüentemente utilizada, por moradores de áreas remanescentes de favelas, para designar um grupo específico os nordestinos oriundos de diferentes estados das regiões norte e nordeste. Trata-se portanto de uma categoria abrangente acionada para distinguir os nordestinos e nortistas em relação a outros grupos. Ver também Pacheco (1986) e Sansone (1997).

entrevistados, outras diferenças são construídas e se tornam significativas para os moradores do Complexo da Maré. Pertencer à comunidade requer mais do que simplesmente morar na localidade; deve-se, sobretudo, integrar, constituir ou interagir com uma rede de solidariedade e cooperação mútua. A solidariedade ocupa o lugar correspondente à cidadania. Nesse sentido, a *consideração* possibilita a recuperação da rede de solidariedade na medida em que reafirma a unidade mítica da comunidade.

As observações descritas nos parágrafos anteriores visam apontar um traço distintivo na manutenção de determinadas práticas sociais entre os moradores do Complexo da Maré. Este traço está associado a um conjunto de práticas simbólicas valoradas relativas à oposição das atuações dos indivíduos na condição de parentes⁵⁸.

Essa rede de solidariedade pode vir a limitar a atuação e organização dos indivíduos no que concerne à cidadania. Isto ocorre na medida em que a superposição de esferas pública e privada atua como um entrave para o reconhecimento da igualdade de direitos e o conseqüente exercício da cidadania. Nos dois casos citados, os conflitos se desenvolveram em torno da categoria *consideração* e a solução se tornou possível a partir da

⁵⁸ Ver genealogia na página 77.

comunicação. Dessa forma, *consideração* se articula com a comunicação. A *consideração* encontra na comunicação a via de acesso para a superação do problema. Comunicação refere-se ao diálogo entre os envolvidos nas situações de conflito.

Porém tanto a questão relacionada à herança, assim como da guarda de menores de idade deveriam ser resolvidos com o auxílio de órgãos competentes do poder público. Podemos então supor que as relações entre os moradores do Complexo da Maré são reguladas não a partir da interseção destes órgãos, mas sim, da *consideração* e comunicação. Dessa forma, a distância entre os moradores do Complexo da Maré e o setor público se mantém, apesar das conquistas conseguidas através da atuação das associações de moradores. Ocorre que teríamos duas formas distintas de relação entre os moradores do Complexo da Maré e do Estado. No que se refere as questões relacionadas com a infraestrutura da área em questão tem-se a participação do poder público. No entanto, as situações de conflitos entre os moradores entrevistados são resolvidas a partir da comunicação.



Fotos relativas a eleição da nova diretoria do Bloco Carnavalesco Mataram Meu Gato:

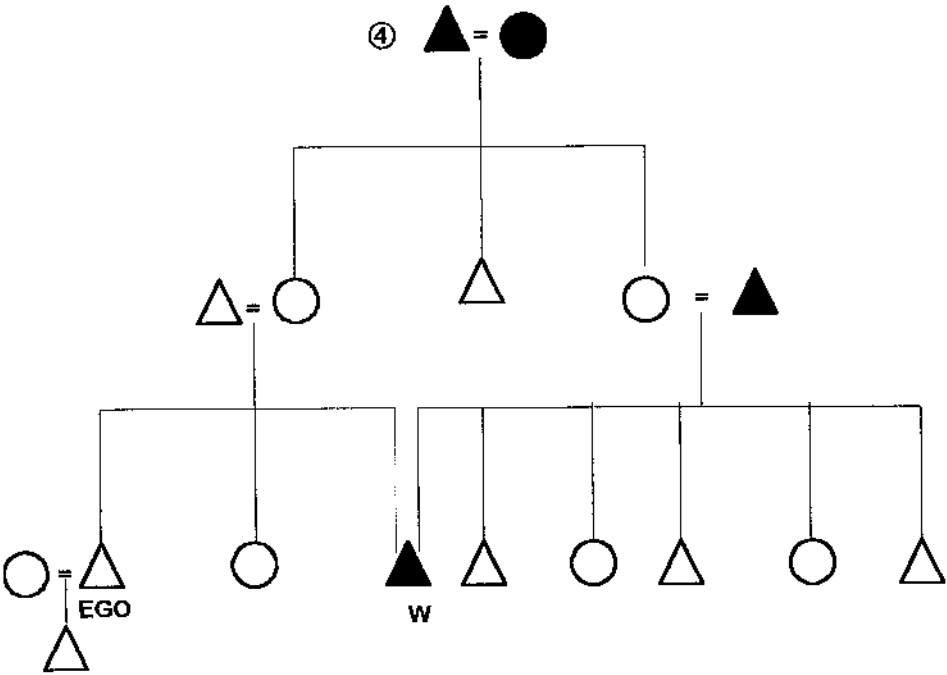
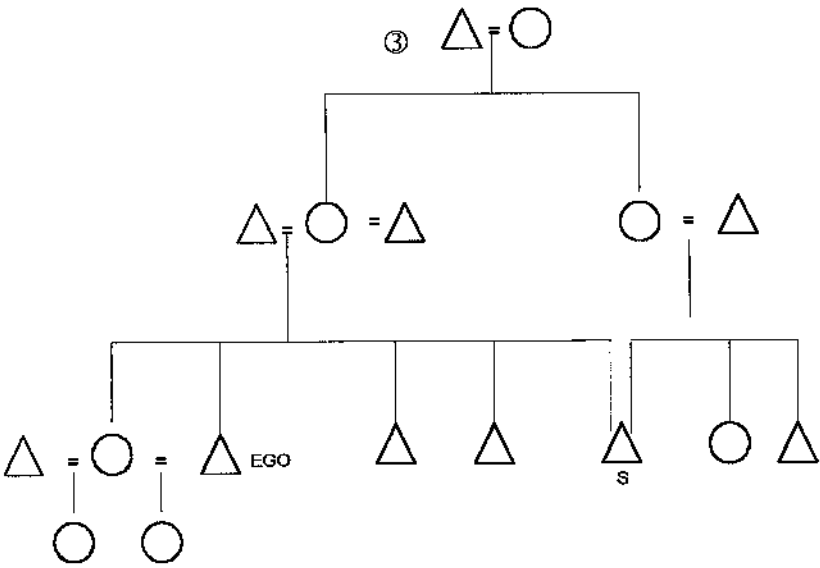
- 1) destaque o símbolo representativo do Bloco;
- 2) o momento em que os sócios estão votando;
- 3) por último os representantes das chapas concorrentes, entre os quais se encontram líderes do Complexo da Maré, dentre os quais um candidato a vaga de deputado estadual e membro da atual diretoria.

Os casos descritos anteriormente parecem indicar uma rede de sociabilidade e interação contínua no interior da comunidade. Essa rede pressupõe a cooperação e a solidariedade entre os indivíduos. Nesse sentido, a interação na rede social torna evidente a manutenção de determinadas regras sociais.

Nesse sistema de parentesco, a ênfase na diferença sexual não significa dizer que haja, necessariamente, a subordinação de uma das partes em detrimento da outra. Diante do material etnográfico, torna-se de fundamental importância destacar que o reconhecimento da diferença sexual, assim como a oposição na relação de gêneros, entre diferentes atuações, podem estar relacionadas com a noção de complementaridade. As posições ocupadas pelos indivíduos são dinâmicas. A obtenção de recursos econômicos está vinculada ao trabalho individual. Entretanto, a redistribuição dos mesmos ocorre de forma a manter a organização interna nas unidades domésticas. As decisões, no interior dessas unidades, obedecem uma regra básica: as mulheres tornam possível a manutenção da solidariedade e da cooperação. A partir dos dois casos percebemos que através das mulheres ocorre a mediação⁵⁹.

Segundo Dumont (1979), a noção de engodamento permite

⁵⁹ Patrícia Birman (1996), no artigo "Mediação Feminina e Identidades Pentecostais", discute o sentido de ser crente da mulher como mediadora entre a família e a religião.



II. Conclusão

Neste capítulo descrevo duas situações distintas em que as tensões se desenrolam a partir da hierarquização das relações de parentesco definidas pela categoria *consideração*. O parentesco por *consideração* possibilita a recuperação de uma linha do sistema de parentesco que é mais significativa para a manutenção das relações no interior da unidades domésticas.

Capítulo III. *Nadando contra a Maré*: identidade e mistura no sistema de classificação de cor.

III. Introdução

Neste capítulo pretendo mostrar as categorias de cor inerentes a dois sistemas de classificação racial: o sistema bipolar e o sistema multicolor. Associados aos dois sistemas aparecem outros critérios de classificação de cor. As questões relacionadas com o que denominei caso Tiririca podem ser indicativas da complexidade enunciada acima.

III.1. Descrição da trama: o caso Tiririca

Em mais um final de semana fui ao Complexo da Maré. Cheguei às 11 horas e, como das outras vezes, buscava encontrar Carmem e/ou Zé para em seguida entrar em contato com outros moradores do Complexo. Era um dia de domingo; a casa de Carmem estava cheia de parentes e amigos. Todos estavam à espera do almoço. A mãe, o padrasto, os filhos da dona da casa e ainda a noiva de Jacques (filho mais de

Carmem) acompanhada da mãe estavam todos na sala. Zé havia saído com o filho Luan para passear. Fui convidada para o almoço. Tratava-se de uma comemoração. Naquele dia estavam todos reunidos para programar os preparativos do casamento de Jacques com Ana.

Durante os preparativos do almoço ficamos conversando. Zé chegou com um exemplar de O Dia, um periódico de grande circulação no Rio de Janeiro, principalmente entre as camadas populares. Logo que chegou, Zé relatou um acontecimento, que se tornou o assunto do dia. A partir desse momento, o palhaço e cantor Tiririca tornou-se parte da minha pesquisa⁶². Tiririca estava sendo processado por um grupo do movimento negro organizado do Rio de Janeiro⁶³. A notícia rendeu muitos comentários⁶⁴.

⁶² O palhaço Tiririca passou a ser notícia após lança como cantor, com a música *Florentina*. A música tem versos curtos, rima pobre e consiste na repetição do refrão, retira do cancionário popular. Tanto a música quanto o cantor eram, até pouco tempo, desconhecidos na região sudeste.

⁶³ Trata-se do CEAP (Centro de Articulação da População Marginalizada), uma Organização Não Governamental, que como o próprio nome sugere, denuncia a prática de discriminação, preconceito e racismo. A ação movida consiste nos Código Penal e Processo Penal do Ministério Público. Lei 7.716/89, que pune racismo, o artigo 1º: "Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional." E, do artigo 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional: Pena- reclusão de um a três anos e multa. Parágrafo 2º Se qualquer dos crimes previstos é cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza: Pena de reclusão entre dois a cinco anos e multa. 3º No caso do parágrafo anterior, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste; ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência: I - o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo; II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas. A prática do racismo constitui crime inafiançável, sujeito a pena de reclusão nos termos da lei. Foram acusados o cantor e compositor da música, o já citado

Zé ligou a TV e lá estava o alvo do nosso debate⁶⁵. O cantor-palhaço era um dos convidados de um programa de variedades. O apresentador do programa entrevistava e promovia o debate com então acusado Tiririca. O programa tornou-se uma homenagem ao cantor que utilizava como argumento de defesa o fato de sua mãe ser negra. E que a música alvo do processo era na verdade uma homenagem à sua mulher⁶⁶. O cantor dizia que não sabia do possível cunho racista de sua música. Para ele tudo não passava de uma brincadeira.⁶⁷ Foram então chamados outros cantores e compositores. Todos os que estavam presentes ao programa apoiavam o acusado. A essa altura Tiririca já havia se tornado a vítima. Ao narrar a sua trajetória com ar de artista mambembe, pobre, semi-analfabeto em busca do sucesso, o cantor/palhaço conquistou a simpatia de todos. Um processo judicial e a possível apreensão do

Tiririca, o presidente da gravadora Sony Music no Brasil, Roberto Augusto, e o diretor de Marketing da empresa, Luís André. O julgamento foi em Fevereiro de 1998 e todos os acusados foram absolvidos.

⁶⁴ Sobre a atuação do movimento negro no Rio de Janeiro ver MONTEIRO, Hélène (1990) *O Ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. MOUTINHO, Laura (1996) *Negociando Discursos: Análise das relações entre a Fundação Ford, os movimentos negros e a academia na década de 80*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ.

⁶⁶Veja os cabelos dela/Parecem bombril /De arear panela/Quando ela passa/Me chama atenção/Mas os cabelos/Não tem jeito, não/A sua catinga/Quase desmaio/Olha, eu não aguento/É grande o seu fedô/Eu já mandei/Ela se lavá/ Mas teimô/ E não quis me escutá/ Essa nega fede/ Fede de lascá/ Bicha fedorenta/ Fede, mais que um gambá. "Veja os cabelos dela" Autor: Tiririca. Retirada do Encarte do 1º CD do cantor.

⁶⁷O cantor declarou: "Nunca fui racista. Minha mãe é negra, meu cachorro é preto, meu carro é preto e eu sou rubro-negro. Preto é minha cor da sorte." (JB: 03/07/96)

disco parecia ser demais para um artista desdentado de circo do interior do Nordeste.

Zé, Carmem e os demais presentes à sala estavam convencidos de que Tiririca não sabia, de fato, o que estava fazendo e que os representantes do Movimento Negro deveriam retirar a acusação. O debate na sala de Carmem girava em torno de duas ordens de questões: o pobre e semi-analfabeto Tiririca de um lado, e o movimento negro de outro lado. Frente a este quadro a maioria dos entrevistados fez sua opção pelo pobre Tiririca.

Ao recuperar a ascendência negra através da mãe, Tiririca passou a ser negro. Ascendência e aparência se complementam, aproximando os dois sistemas de classificação de cor.

III.2. Sistemas de Classificação de Cor: o sistema bipolar e o sistema multicolor.

Sistema, como conceito antropológico, pressupõe um conjunto de categorias que indica a organização da vida social⁶⁸. A utilização de determinadas categorias

⁶⁸ "A organização sistêmica encontra-se em toda parte. Por sistema entendemos um agregado de coisas e acontecimentos reunidos em interação e interdependência, para formar um todo integral. No mundo físico, a organização sistêmica manifesta-se nos átomos, moléculas, estralas, galáxias - o próprio universo pode ser um sistema, pelo que sabemos. (...) E, finalmente, há os sistemas culturais. Mas quando dizemos que a organização sistêmica se encontra em toda parte, isso não significa que tudo seja sistematicamente organizado: a desordem e o caos permanecem conceitos válidos." (White: 1959:230-31)

relaciona-se à organização dos indivíduos na sociedade. Classificar é ordenar.

No que se refere a cor e/ou raça como forma de classificação social, podemos observar na literatura sobre o tema constantes referências a dois sistemas de classificação: o sistema bipolar americano e o sistema multicolor, ou o sistema do gradiente brasileiro. Diferentes pesquisas têm apontado para a comparação entre o Brasil e Estados Unidos, no que se refere a questão racial. O debate sobre esse tema inspirou inúmeros autores (Nogueira, 1954; Degler, 1971; Da Matta, 1982; Andrews, 1990; entre outros)⁶⁹. Nesse sentido, já na década de 50, Oracy Nogueira observou a especificidade do *racismo* no Brasil em comparação com dos Estados Unidos. Na opinião do autor, no Brasil haveria o "preconceito de marca", em oposição ao "preconceito de origem" que predominava nos Estados Unidos. Na sociedade americana haveria uma linha divisória - *color line* - separando as raças. O sangue permaneceria negro apesar da igualdade perante a lei. No Brasil, o preconceito com base nas características físicas determinam o preconceito de cor

Encontramos em Geertz (1978) uma interessante definição de sistema: " (...) conceito de cultura ao qual eu me atendo não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporando em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. É fora de dúvida que termos tais como "significado", "símbolo" e "concepção" exigem uma explicação." (Geertz:1978,103)

(Nogueira, 1985:22). O sistema bipolar associa-se ao preconceito de origem. Em contrapartida, o sistema multicolor aproxima-se do preconceito de marca.

Entre os entrevistados, as referências feitas a cor e/ou raça diante de perguntas diretas sobre cor, raça ou aparência física dos moradores do Complexo da Maré, têm como base as categorias: escura, crioula, preta, amarela, negra, sarará, morena e outras, ao definir a população de negros e mestiços. Em contrapartida, há um menor leque de opções para classificar a população de brancos; as categorias clara e branca são mais utilizadas⁷⁰. Os critérios de classificação de cor baseados em aspectos físicos, tais como cor da pele, tipo de cabelo, traços físicos são freqüentemente acionados, ao lado de recuperação da ascendência negra⁷¹. As categorias de cor como construções sociais estão relacionadas a determinados códigos, como pretendo mostrar a seguir.

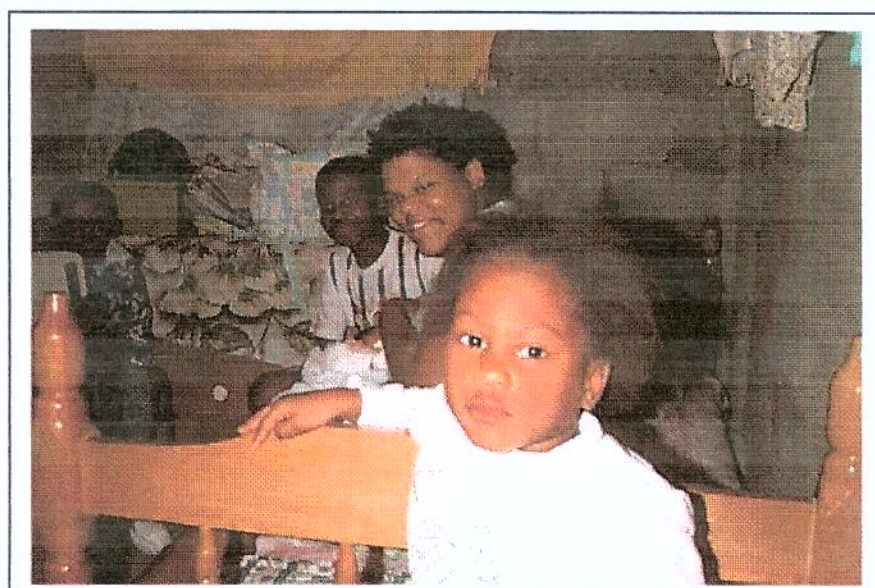
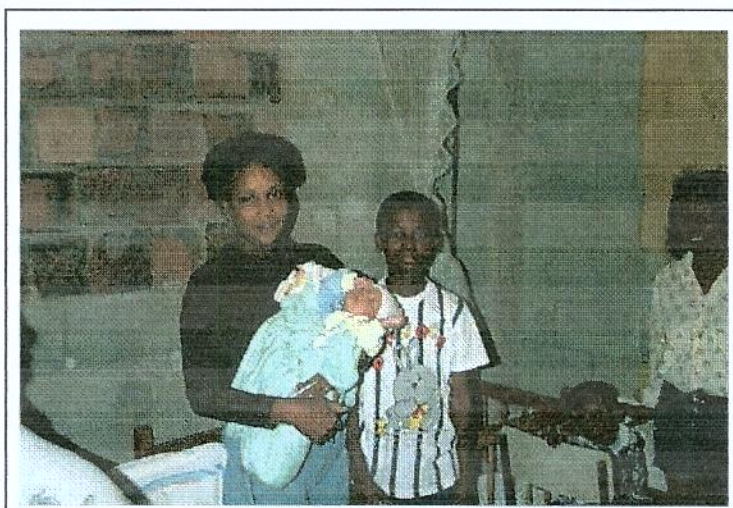
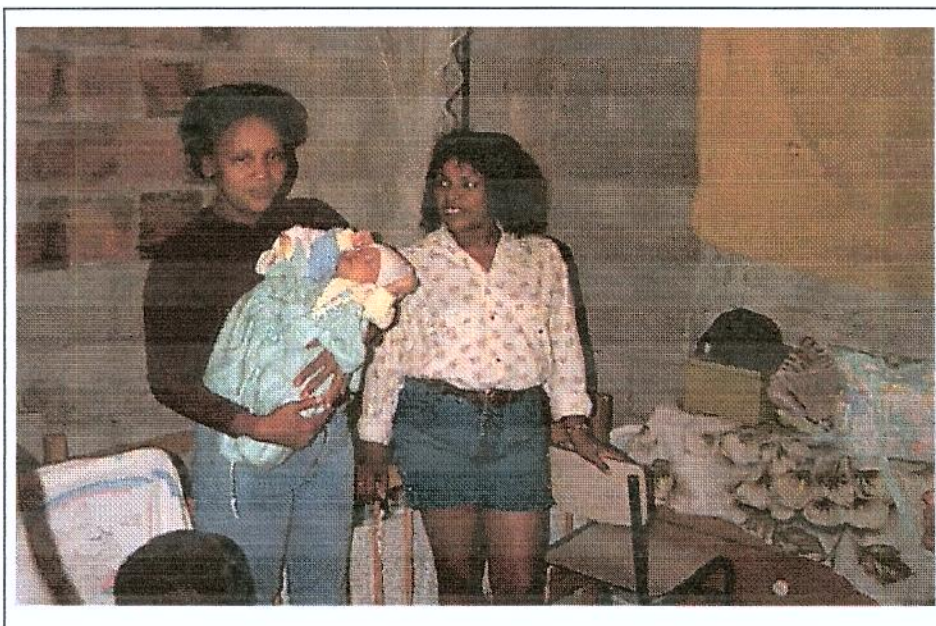
III.3. Aparência e ascendência: cor e raça.

Podemos observar que se trata de um sistema complexo, que precede de inúmeras categorias de cor. A complexidade do sistema pode ser verificada a partir da

⁷¹ MAGGIE, Yvonne (1989) *Catálogo - Centenário da Abolição*. Rio de Janeiro, Ciec - Acec/ Núcleo da Cor/ UFRJ

percepção acerca dos termos branco/preto, claro/escuro e branco/negro para indicar cor e definir posições na hierarquia social na sociedade brasileira. Segundo Maggie (1989), estes três pares de classificação não se confundem; cada qual é utilizado em momento distinto. Os termos preto/branco aparecem relacionados à descrição das desigualdades sociais com base na diferença racial. Esses termos aparecem em oposição reforçando dados estatísticos, como por exemplo no caso dos censos demográficos. Enquanto isso, os termos claro/escuro são, frequentemente, relacionados à afirmação da naturalidade e descrevem a aparência física. Já a oposição negro/branco simboliza "diferenças culturais", de "origem", de "identidade étnica". A autora atesta que, parafraseando Da Matta, "o triângulo é imediato (referência a fábula das três raças), porque entre negro e branco há o índio e os três formam a nação mestiça" (Maggie, 1989:26). Nesse sistema, negro é a categoria utilizada com mais frequência, enquanto a categoria preto aparece em situações que reforçam as diferenças sociais, e as categorias crioulo, pardo, mestiço e mulato são empregadas com menor frequência. Já a categoria escuro eventualmente substitui as demais⁷².

⁷² A autora afirma que "Nesse sentido, ao analisar o material jornalístico sobre eventos vinculados ao ano do centenário da abolição, Patrícia Birman percebe que: "... o termo preto foi empregado basicamente quando estava em questão denúncias de discriminação racial ou afirmação de conteúdo nitidamente racista." (Birman, 1989:4) Enquanto ser definido como negro: "é tomar posse da herança ancestral, e reivindicar, inclusive, esse lugar social como seu, patrimônio vivo da nação" (Idem, p.13)



Fotos relativas a uma visita a uma moradora e sua filha recém-nascida, na casa da moradora encontravam-se a mãe, irmãos e a filha mais velha da dona da casa.

III.4. A noção de mistura e negação da diferença

Podemos observar que, em todas as narrativas, a categoria mistura aparece relacionada à negação do reconhecimento de diferença. Ocorre com a raça entre os moradores do Complexo da Maré algo similar com a noção de bruxaria entre os Azande. Guardadas as devidas proporções a noção descrita por Evans-Pritchard (1974)⁷³, entre os nativos da sociedade Zande, aparece associada a uma forma de classificação social (ou uma filosofia natural, como afirma o autor) onde os infortúnios têm ou são motivados pela bruxaria. Dessa forma, a bruxaria é ao mesmo tempo onipresente e interdita, alvo de acusação e perseguição ao bruxo. Também a cor (e a raça) entre os moradores do Complexo da Maré é onipresente e interdita. E também nesse caso, basta um infortúnio, um momento de conflito para que ela venha à tona com toda força.

Da mesma forma, a ênfase na noção de mistura racial dilui a diferença. Tudo se passa como se não pudesse haver racismo porque não há "pretos" e "brancos", pois todos são "misturados". Podem parecer brancos (na aparência); mas ter ascendência negra.

Assim, a noção de mistura relaciona-se com a negação do racismo para aqueles com aparência negra/preta. A simples menção da cor pode ocasionar conflitos. Os

⁷³ EVANS-PRITCHARD, Edward A Noção de Bruxaria Como Explicação de Infortúnios. IN: ---. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. São Paulo: Perspectiva, 1973. (p.56-71)

indivíduos se auto-classificam utilizando diferentes categorias de cor e falam de mistura para diluir a diferença. O reconhecimento da diferença e a noção de mistura aparecem em oposição.

Acho que no Brasil tem uma mistura. No Brasil não tem branco verdadeiro, não. Por causa da raça de africano que veio pra aqui misturada, os escravos, também com portugueses(. . .)'Negro' diz: eu sou branco, não gosto de negro. Eu não sei. Mas eu acho que no íntimo o sangue do negro corre na veia do branco. Aqui em casa, aqui não tem reclamação, não. Da parte do meu filho e da minha filha são iguais. Todos dois (os netos) são clarinhos. Ninguém tem aquele preconceito de chamar um de preto, outro de branco. Ou então porque eu sou escura, meus netos me chamam (. . .) achar que eu sou preta. Aqui em casa não tem isso não. Tem muita gente que tem preconceito de cor, que acham que são brancos e que tem que pisar nos negros. Eu vejo tantas pessoas assim falar de negros, tem negros (. . .) eu não vou dizer negro, tem preto que tem preconceito de cor, não gosta de namorar preto. Eu acho que é ignorância. Eu me considero escura. Eu sou preta, né? A minha família é toda misturada, tem preto, mulato, tem branco. Minha nora é clara, os filhos dela são claros, meu filho é mulatinho claro, tá entendendo? Já essa aí é dessa cor aí. O outro é da minha cor, a menina, também, é da minha cor, meu marido era mulato bem claro. A raça é misturada, tem até raça africana, raça de índio. Tudo misturado. Eu sou escura me caso com mulato: sai isso que tá aí. Minha filha casou com branco, a filha dela é clara, mas de nariz chato; então a raça é de negro. (Dona Helena)

Nega-se a diferença, afirma-se a mistura e a hierarquia persiste como um divisor de águas entre a percepção do racismo e a produção das desigualdades contemporâneas.

As pessoas se preocupam mais que os filhos não se deturpem, não se misturem com quem não deve. Você tira pelo Jacques (filho de sua mulher) na igreja dele. O Jacques foi escoteiro. Muitas pessoas brancas, mais claras, vêm aqui procurar o Jacques, querendo entrar. Então, ele namorou muitas meninas brancas, levou vários garotos brancos pra igreja. O importante é a sua convivência. Desde que você não seja do lado mal. Não faça mal pra ninguém (Zé). (Lado do mal e fazer o mal está associado a criminalidade)

Ocorre que nas narrativas de histórias de vida dos moradores do Complexo da Maré, encontramos referências aos dois sistemas de classificação de cor. Fala-se em categorias intermediárias e também ocorre a recuperação da ascendência para enfatizar a noção de mistura.

As vezes no nosso setor de trabalho a gente sente dificuldade, que as pessoas (. . .) eu não sei por quê. Lá no trabalho a única costureira escura sou eu. Eu sou a única costureira crioula, a única preta sou eu. (Carmem)

Nessa perspectiva, o enfrentamento das desigualdades raciais se dá pela via da construção de valores morais. O racismo, no Brasil, não afasta brancos e negros afasta os negros de subir degraus na hierarquia social (Birman, 1990)⁷⁴. Dessa forma, podemos observar que a categoria utilizada na auto-classificação aparece associada a um feixe de relações sociais.

A gente entra no ônibus, aí os outros ficam olhando assim: preto, pobre, favelado, marginal (. . .) E não é nada disso. (Zé)

A heterogeneidade dos termos e a fluidez dos critérios de classificação social complexificam a análise das relações entre negros, brancos e mestiços⁷⁵. A definição por uma (única) categoria torna-se uma tarefa difícil, pois toda e qualquer classificação indica um conjunto de relações e conseqüentemente um lugar na hierarquia social.

⁷⁴ BIRMAN, Patrícia (1991) Impasses Familiares; In: *Estudos Afro-Asiáticos*. N°.21, Rio Janeiro Cadernos Cândido Mendes.

⁷⁵ Moema Pacheco (1986) mostra, através de exaustivo trabalho de campo, que as diferentes categorias de cor são acionadas por seus entrevistados (as), de acordo com o contexto específico. Os termos polares preto e branco são evitados; estes são utilizados em situações de conflito. As categorias utilizadas freqüentemente são mais claro, mais escuro, moreno claro, moreno escuro, clarinho e escurinho. Toda atribuição de cor mostrava-se em si mesma indefinida, imprecisa e até mesmo múltipla (Pacheco, 1986:26). Segundo Pacheco, o sistema de classificação racial brasileiro é relacional, os termos oscilam de acordo com o contexto e o grau de proximidade de quem está operando o sistema. Entre os moradores do morro do Alarico, onde realizou trabalho de campo, se informa a "cor" de uma pessoa utilizando a cor de outras como referência, quando não a própria cor de quem informa.

Classificam o negro de várias maneiras. Inclusive tem um monte de ditados pra negros. Às vezes, quando dá alguma coisa errada, eles falam que estão igual a preto fazendo merda. Então classificam os negros como pessoas, assim, sem classe, sem capacidade, um pessoa imprestável, incapaz. Mas, não tem nada a ver. O ser preto está melhorando bastante (. . .) Antes era até pior. Preto sofreu muito. (Carmem)

Como foi mencionado acima a cor é ao mesmo tempo onipresente e interditada. E portanto, adquire outra dimensão a ser considerada, esse assunto deve ser evitado.

Eu não sei a cor que tenho. As pessoas dizem que eu sou amarela. Esse meu filho é moreninho, e o outro também tem a minha cor. A minha filha (. . .) que você tá vendo (. . .) que eu não sei a cor que tem. (Dona Lucy)

A cor, e não a raça, aparece como um atributo individual. É como se houvesse relação de complementaridade entre "cor" dada pela aparência física e "raça" inerente a ascendência. Da mesma forma "cor" se relaciona com o indivíduo, e a "raça", com a família apesar da ocorrência de outras construções.

Meus parentes são todos da minha cor: preto. Tem gente que fala pardo. Pra mim escapou de branco, preto é. Tudo da minha cor. Meu marido que é

Os termos preto e branco são acionados em momentos excepcionais, como em caso de conflito, referidos a terceiros.

*meio sarará, os filhos também (. . .)
a garota aquela lá (aponta um quadro
com uma foto), aquele ali é meu neto
(aponta outro quadro com foto). (Dona
Jane)*

Chamo a atenção para uma (determinada) concepção acerca da cor e da raça, que se manifesta no Complexo da Maré e está relacionada à sociedade mais ampla. Nesse sistema, a raça pode ser definida pelo reconhecimento de uma possível ascendência; o sangue aparece como substância simbólica transmissora da raça, enquanto a cor se associa a traços fenotípicos⁷⁶.

No caso específico da sociedade brasileira, a expansão e heterogeneidade das categorias de cor são decorrentes do processo de formação do pensamento social brasileiro⁷⁷. A partir das pesquisas inicialmente realizadas pela chamada Escola Paulista de Sociologia têm-se a introdução de diferentes perspectivas

⁷⁷ Como sugere o historiador Thomas Skidmore (1977), a elite intelectual brasileira articulou suas idéias do "mito da supremacia da raça branca" pondo em questão a viabilidade da nacionalidade e o progresso do País, diante de tantos, indesejáveis, negros - ex-escravos e índios nativos. Na opinião do autor, havia uma preocupação central entre os intelectuais brasileiros, no final do século passado e início deste: a questão da raça. Influenciados pelas idéias de superioridade racial dos europeus, os intelectuais brasileiros, refletindo sobre sua própria realidade, chegaram à conclusão de que diante da diversidade racial no país, com índios, negros e brancos, a nação só alcançaria o progresso se houvesse a "mistura" das raças. As raças inferiores (negros e índios) deveriam se unir com a raça superior (brancos). Dessa forma, haveria a transformação, por infusão (de sangue branco) nas gerações futuras. Dessa "mistura" deveria emergir um tipo branco inferior ao europeu, ainda assim, superior a negros e índios. A ampla divulgação das idéias da elite intelectual brasileira consolidou e expandiu a tese do branqueamento (Skidmore, 1977), e conseqüentemente, o ideal da miscigenação.

na compreensão das desigualdades raciais no Brasil⁷⁸.

Entre a formulação do "racismo à brasileira" e as recentes pesquisas um longo caminho foi percorrido. As reflexões teóricas e as pesquisas empíricas informam novas perspectivas, abordagens e análises⁷⁹.

Segundo Da Matta (1982) o pensamento social brasileiro se originou e foi fundamentado pela sobreposição de um "sistema hierárquico real, concreto e historicamente dado e a sua legitimação ideológica num plano mais profundo" (Da Matta, 1983: 72). A equação: raça = cultura = nação = tribo, por sua vez, traduz a tendência da idéia de raça do esquema racial de Gobineau, um dos idealizadores do racismo teórico brasileiro. O racismo à brasileira ou a fábula das três raças parte do pressuposto do determinismo racial. "As três raças formadoras do povo brasileiro: o branco, o índio e o negro constituiriam o povo brasileiro, vivendo uma integração hierarquizada." Dessa forma, a

⁷⁸ Florestan Fernandes (1966) afirmou que as desigualdades raciais teriam como base a manutenção das relações sociais estabelecidas no período da escravidão. Nesse sentido, após a abolição os brancos ocupavam o lugar de senhores e os negros desempenhariam as atribuições dos escravos. Para Fernandes, (. . .) a eficácia das técnicas de dominação racial (. . .) mantinha o equilíbrio das relações raciais e asseguraram a continuidade da ordem escravagista. (Fernandes:1966, 27)

⁷⁹ Dialogando diretamente com Florestan Fernandes, Carlos Hasenbalg (1978) argumentou que as desigualdades sociais com base na cor da pele e a condição da população negra estariam diretamente relacionadas com as relações produzidas após a Abolição da Escravatura. A população formada por negros e mestiços estaria sujeita aos mecanismos que limitam as chances de superação das desigualdades sociais. Para Hasenbalg: As probabilidades de fugir às limitações ligadas a uma posição social baixa são consideravelmente menores para os não-brancos que para os brancos da mesma origem social. (Hasenbalg:1978, 220)

sociedade (altamente) estratificada estaria alicerçada na crença da integração, onde negros e índios ocupariam as posições inferiores (a cultura e passado) e os brancos as posições superiores (a política e o poder econômico-ideológico). (Da Matta, 1983:73)

Os estudos recentes de sociólogos, antropólogos, demógrafos e historiadores recaem na tentativa de recuperar as condições sociais concretas da população negra no Brasil. Com isso tem-se a introdução de mais elementos na compreensão da formação da sociedade brasileira contemporânea. Aliado à análise dos censos demográficos, seria interessante realizar pesquisas etnográficas que permitam captar a dinâmica das relações sociais e contribuir para o debate que dê conta tanto das condições concretas da experiência contemporânea e como dos conceitos analíticos.

III. Conclusão

A desconstrução de determinados conceitos e a reconstrução de trajetórias individuais entre a população que se auto-classifica como negra tornam possível a compreensão do universo de representações sociais de indivíduos inscritos historicamente. Nesse

sentido, no capítulo IV, será apresentado a reconstrução de uma trajetória de vida a partir da nação de família entre indivíduos que se auto-classificam como negros.

Capítulo IV. Família Negra ou família *misturada*? Algumas notas sobre família na sociedade brasileira.

IV. Introdução

Esse capítulo tem como objetivo central mostrar a lógica interna da organização dos indivíduos nestas unidades domésticas. As relações interpessoais, nas unidades, se fundamentam na família. Família, nesse contexto, se refere a determinados indivíduos ligados por laços de sangue, afinidade e obrigações mútuas. Nesse sentido a noção de família torna-se um elemento de fundamental importância no (re) arranjo dos indivíduos na condição de membros de uma determinada rede de parentesco.

IV.1. Herskovits e Frazier: o debate sobre família negra

O debate teórico entre Herskovits (1941) e Frazier (1943) consistia em delimitar o que seria família negra no Brasil. Frazier afirmava que após a abolição da escravatura a população brasileira negra não teria se adaptado às regras e padrões culturais da sociedade mais abrangente⁸⁰.

⁸⁰ Na opinião de Frazier, a miscigenação, assim como o sincretismo religioso, práticas difundidas entre negros brasileiros - diferentemente do que acontecia com a população negra dos Estados Unidos - provocaram o enfraquecimento de traços africanos entre a

Dessa forma, em lugar da família nuclear, entre a população negra as famílias seriam dominadas pelas mulheres. O grande número de lares desfeitos e a insuficiência de recursos econômicos dos homens negros fariam com que as famílias negras fossem instáveis, degradadas e desestruturadas.

Herskovits (1941/42) percebe a questão da população negra no Brasil a partir de outra perspectiva. Em sua opinião, nas sociedades africanas os diversos padrões culturais alicerçavam as relações de família e parentesco. A poligamia, o matriarcado e a existência da família extensa em muitas sociedades africanas são alguns aspectos tidos como responsáveis pela instabilidade das famílias negras em sociedades onde esses padrões não são dominantes, tal como no Brasil (Herskovits, 1941:395)⁸¹.

Herskovits defendia o argumento de que a família negra, no Brasil, não estaria organizada dentro dos padrões da sociedade dominante (leia-se família patriarcal). Ao contrário, a família negra estaria diretamente associada aos padrões africanos. Em contraposição, Frazier atribuía a não superação das desigualdades socio-econômicas da

população negra; conseqüentemente, com o passar do tempo a herança africana desapareceria.

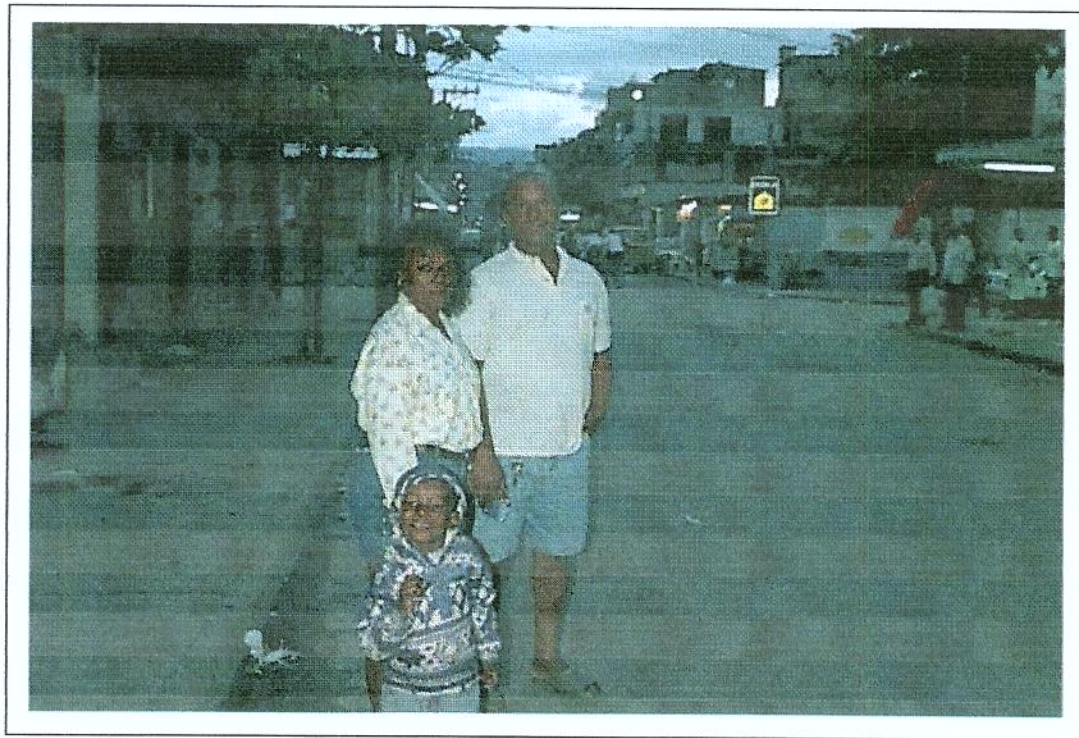
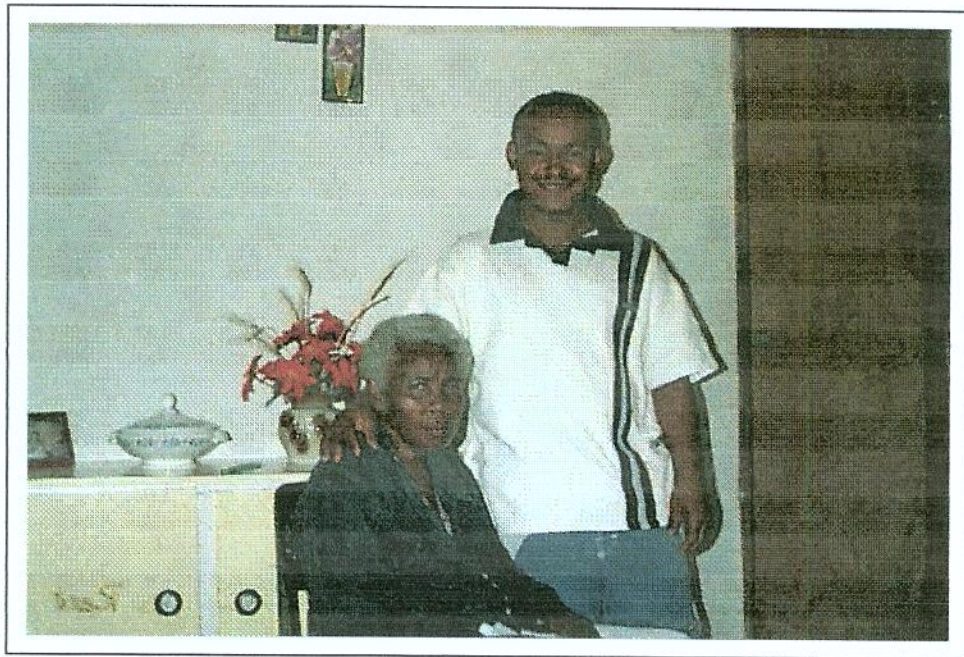
81 "The description of Negro family life in Bahia, as given by E. F. Frazier is reviewed. The disintegration of African patterns to have resulted from white contact, when analyzed in terms of aboriginal tribal family organization, particularly with reference to underlying sanctions, is found to it, but these are the results of accommodation to an situation, and are not a sign of demoralization." (Herskovits, 1941:394)

população negra ao passado escravo, à acomodação, aculturação e desmoralização do homem negro⁸².

A divergência de perspectiva originou a polêmica entre a importância da busca da integração, defendida por Frazier; e a necessidade do resgate da pureza cultural apontado por Herskovits para a resolução do problema da população negra no Brasil. As pesquisas tanto de Herskovits quanto de Frazier seguiram o modelo de estudo amplamente difundido nos Estados Unidos, onde as fronteiras que separam negros e brancos parecem estar nitidamente demarcadas. Os grupos sociais se mantêm distintos, com base no reconhecimento da diferença étnica. A instabilidade conjugal entre as famílias negras foi vista como sendo motivada pela herança de costumes africanos por Herskovits e aculturação e rompimentos com valores culturais, por Frazier. Durante muito tempo este debate a respeito da instabilidade conjugal nas famílias negras esteve presente em muitas pesquisas realizadas no Brasil⁸³.

82 A crítica de Herskovits a Frazier: "This example (a Mãe de Santo) has been considered at some length, because it so clearly illustrates the methodological deficiencies of the interview technique as employed by Frazier. This is especially the case when its user is handicapped, as in the study of New World Negro groups, by the acceptance of African traits which render it difficult for him to discern them when he comes on them, or to evaluate their importance if does see them." (Idem, pp. 401)

83 Florestan Fernandes (1972, 1978), Octávio Ianni (1962), Fernando Henrique Cardoso (1969) foram alguns dos autores que estiveram a frente da discussão e estudos a respeito da adaptação patológica dos negros na sociedade brasileira.



Fotos representando três gerações de uma unidade doméstica. Na primeira foto aparece a avó (ela tem ao todo nove netos e três bisnetos moradores do Complexo da Maré) e um dos netos, na segunda foto aparecem a filha, com o marido e o filho desta última nascido da união anterior.

IV.2. Família escrava: "Lares negros, olhares brancos"

Na intenção de propor mais elementos para compreensão da sociedade brasileira contemporânea, ou em outros termos, dar visibilidade de outros segmentos e realidades até então relegados à invisibilidade Robert Slenes (1994) busca mostrar que havia um grande número de casamentos duradouros entre escravos, no Brasil. Diferentemente do que era apontado na historiografia sobre o tema, Slenes chama atenção para a família enquanto uma instituição importante na organização da vida dos cativos.

Segundo o historiador inúmeros autores de destaque que tematizaram o período escravista insistiam em afirmar a ausência da família na vida dos africanos e de seus descendentes no país. Gilberto Freyre, Emília Viotti da Costa (1966), Oracy Nogueira (1954), Roger Bastide (1971) e Florestan Fernandes (1964), apesar de não compartilharem de perspectivas racistas, afirmavam que o comportamento dos escravos e ex-escravos era marcado pela instabilidade das uniões sexuais. Os autores supracitados conduziram suas análises no sentido de substituírem o "fardo da raça" pelo "fardo sociológico" (Slenes, 1994:

47). Ao subtrair, nas pesquisas, a organização familiar dos arredores da casa grande, e mais tarde da população negra como um todo, os intelectuais brasileiros e estrangeiros que abordaram o tema terminavam por acusar os cativos e seus descendentes de promiscuidade. Na opinião do historiador, não só era possível haver como havia família instituída entre os escravos. Segundo Slenes, as recentes pesquisas sobre família escrava não têm por objetivo "romantizar" a escravidão. Ao contrário, elas "(...) indicam é que o peso da escravidão, o desequilíbrio numérico entre os sexos e a possível 'sobrevivência' de normas favoráveis à poligamia, aspectos que hipoteticamente manteriam a inexistência da família escrava, não destruíram a família negra como instituição." (Slenes:1988, 48)

O referido autor atribui às fontes as conclusões taxativas e equivocadas. Slenes acredita que a forma como as fontes documentais foram elaboradas, por visitantes estrangeiros e observadores brasileiros pouco experimentados, contribuíram para estas concepções. "O desvio não estava no lar negro, mas no olhar branco." (Idem, 48/9).

Os historiadores Kleim, Fragoso, Florentino, Eisenberg, Slenes, Metcalf, Costa, Schwartz e

Gutiérrez (1988)⁸⁴ apontam as especificidades regionais possíveis em decorrência da escravidão no Brasil. Nos textos sobre família escrava, esses autores recuperam biografias, cartas de alforrias, listas de escravos, listas normativas e outras fontes no firme propósito de demonstrarem a organização dos escravos a partir de uniões sexuais e casamentos estáveis.

A família seria o "locus privilegiado", entre os escravos, para a reprodução, socialização e relações de afeto. Dessa forma, estas famílias se constituiriam pelos seguintes termos: pai e mãe, unidos pela Igreja⁸⁵ (ou não) e os possíveis filhos dessa união - ou seja, esta seria uma família nuclear. Manolo Florentino e José Góes (1995), descrevendo o caso específico da escravidão na região de Bananal, estado de São Paulo, apontam as famílias escravas como sendo instituídas a partir dos sacramentos da Igreja Católica. Haveria, assim, a interseção "sangue" e "afeto" na organização da comunidade de escravos, responsável pela formação de uma imensa rede de solidariedade⁸⁶.

Florentino e Góes afirmam que freqüentemente havia a reprodução de nomes recorrentes no lado materno para os

⁸⁴ Os artigos a que me refiro constam no número comemorativo da revista da USP do centenário da abolição da escravidão, em 1988.

⁸⁵ Sobre família escrava ver também Gomes (1993) e Rios (1995)

⁸⁶ "O que organizava esta comunidade não era, certamente, a condição, a todos comum, de serem propriedade de um mesmo amo. Uma outra lei, que não a consignada nos códigos jurídicos, ordenava e conferia sentido à vida dos cativos de Bananal: o parentesco. Quase nove entre dez escravos, matriculados, o foram na situação de mães, pais, esposas, esposos, filhos e viúvos." (147)

filhos. Subjacente a isto estaria a valorização da relação mãe e filho. Contudo, haveria também o reconhecimento da paternidade e transmissão de nome para a prole. Tudo indica que a família escrava teria como pressuposto o reconhecimento social, do lado paterno, e a consangüinidade, do lado materno. Isto não anula outras possibilidades de arranjos na organização de escravos.

Contemporaneamente, a partir dos dados demográficos, entre as tendências de arranjos familiares ocorridas nas últimas décadas, na sociedade brasileira, encontramos as seguintes mudanças: 1) uma queda no tamanho médio das famílias, de 4,6 para 4,1 pessoas entre 1980 e 1989; 2) a diminuição do crescimento médio anual no número de famílias, que passa de 3,7% entre 1970/80 para 3,4% no período 1981/88; 3) a perda da importância relativa do arranjo casal com filhos, que representou 60% do total do crescimento das unidades domésticas na década 1970/80 e que contribuiu tão só com 48% do crescimento destas entre 1981/89; 4) o maior peso das famílias monoparentais entre os arranjos domésticos; representavam 16% do crescimento total das unidades domésticas em 1970/80 e passaram a representar 22% entre 1981/89; 5) um persistente aumento na proporção de famílias com chefes mulheres, de

cerca de 11% em 1981 para 18% em 1989 (Goldani:1994,305)⁸⁷.

Com efeito, não foi suficiente a diminuição do tamanho das famílias; outras mudanças continuam ocorrendo. No intento de superar a pauperização crescente, as mulheres e crianças ingressam no mercado de trabalho. Alguns destes, até então, não integravam o maciço do contingente de trabalhadores. Em 1981, por volta de dois terços das famílias brasileiras já contavam com mais de um membro na força de trabalho⁸⁸.

No que se refere à questão da cor ou raça nas organizações familiares, Elza Berquó (1988) mostra que vem ocorrendo, nos últimos anos, a diminuição de negros e brancos, em contrapartida ao aumento de pardos na população brasileira. Para tentar compreender este fenômeno, Berquó esbarra numa série de dificuldades, a começar pela maneira como são produzidos as informações sobre cor, ou seja, numa situação onde o entrevistador (a) e entrevistado (a), em um momento excepcional, distante da vida cotidiana, são os responsáveis pela classificação.

Outra dificuldade diz respeito pouca informação em muitos censos. Por exemplo, no censo de 1970 não havia, entre as questões, o item cor. Contudo, apesar das dificuldades, Berquó analisa os dados do censo e de

⁸⁷ Ver tabela anexa sobre moradores com renda por unidade doméstica

outras fontes demográficas com a intenção de sugerir pistas sobre a demografia do negro no Brasil. Há um alto índice de mortalidade infantil e adulta entre os negros. É também nesse grupo populacional onde ocorre o maior índice de celibato entre as mulheres, em comparação com os grupos brancos e pardos.

No que concerne à fecundidade, entre a população negra tem ocorrido uma diminuição do índice de nascimentos. Com isso, a população classificada como preta (ou negra) tem apresentado "baixas taxas de crescimento" e "acentuado declínio de seu peso relativo na população total." (Berquó, 1988:84)

As organizações familiares dos moradores do bairro estudado podem estar relacionadas a outros aspectos da sociedade brasileira contemporânea. Contudo, há outros aspectos importantes subjacentes às narrativas dos moradores do Complexo da Maré.

IV.3. Noção de Família: trajetória e narrativa de Carmem

Carmem nasceu em Itabuna, interior da Bahia, quarta filha de um total de sete irmãos. Seus pais se separaram logo após seu nascimento. Passou parte da infância junto à mãe, uma irmã e dois irmãos, filhos da primeira união da

⁸⁸ Ver tabela anexa sobre participação dos entrevistados nos setores econômicos.

mãe. Com a separação dos pais, a mãe mudou-se para Salvador em busca de trabalho. Nesse ínterim, a mãe adoeceu e ficou impossibilitada de cuidar dos filhos. As crianças foram separadas; os mais velhos foram trabalhar e os dois menores, Carmem e Raimundo, ficaram sob a guarda de uma amiga e de um parente, respectivamente.

A amiga da mãe de Carmem colocou a menina para fazer os trabalhos domésticos e a castigava, na medida em que o trabalho não estivesse bem feito. Por não suportar os maus tratos, Carmem fugiu pensando encontrar a mãe. Não a encontrou. E dessa forma, foi morar na rua junto a uma conhecida da mãe. Aprendeu a esmolar. Certa vez, quando estava pedindo esmolas, seu irmão Raimundo a reconheceu. Voltou ao convívio da mãe, do segundo marido desta e dos irmãos nascidos de união. A mãe encontrava-se ainda mais doente, o padrasto estava sem trabalho; assim, Carmem e os irmãos menores foram esmolar nas ruas de Salvador. Novamente a mãe deixou os filhos com parentes e amigos. Carmem, segundo suas próprias palavras, *foi morar em uma casa de família*, e lá ficou até engravidar do filho mais velho.

Jacques é o mais velho dos três filhos de Carmem. O fato da mãe ter engravidado ainda muito jovem (como não tinha certidão de nascimento, Carmem acreditava ter

mais ou menos 16 anos, na época) teria sido o motivo de sua vinda para o Rio de Janeiro.

Na primeira vez que a entrevistei, Carmem afirmou que seu filho mais velho teria 21 anos. Na primeira conversa que tive com Jacques, ele disse ter 19 anos. Perguntei a Carmem qual era a idade de seu filho. Segundo a entrevistada antigamente era muito difícil ter registro de nascimento. Dessa forma, ela engravidara de um homem mais velho, quando ainda era menor.

A chegada ao Rio de Janeiro ocorreu quando o nascimento da criança estava próximo. A gravidez era segredo; ninguém de sua família sabia quem era o pai da criança. Carmem trabalhava como empregada doméstica e, dessa forma, conseguiu assegurar o sustento dela e de seu filho. E só então pode tirar a sua própria certidão de nascimento e, depois, pode providenciar a certidão de seu filho.

Então perguntei quantos anos ela tinha e quantos anos teria seu filho. Carmem informou que ela teria 38 anos, enquanto seu filho teria 21 anos. No entanto segundo a certidão de nascimento, Jacques teria 19 anos. Perguntei o que havia acontecido e ela respondeu-me que, quando foi registrar a criança, teve que diminuir a idade dele, pois senão pagaria multa. Dessa forma,

Jacques utiliza como referência a certidão de nascimento, enquanto Carmem conta a idade a partir da data de nascimento de seu filho. A confusão foi desfeita. Mas toda essa história demonstra que, para Carmem, o documento oficial (a certidão de nascimento) não se constitui uma referência importante na reconstrução da trajetória de vida.

Carmem, ao recuperar sua história de vida, procura ressaltar o sofrimento pelo qual passou, demonstrando as conquistas (ter criado seus filhos, ter casa própria e trabalho regular) como consequência de seu esforço individual. O desprezo pela certidão de nascimento parece indicar a ausência do Estado enquanto referência na definição de processos decisórios formais. Para Jacques, ao contrário, o documento oficial se constitui na referência de sua história de vida. Dessa forma, tudo indica que entre duas gerações da mesma unidade doméstica podemos encontrar diferentes narrativas.

A diferença de percepção não se resume a idade e documento oficial. Esta questão pode ser indicativo de uma série de tensões vividas pelos indivíduos, contemporaneamente. Jacques avalia que o registro civil deve ser mais importante do que a data de nascimento. Sua mãe pensa o contrário. Esta diferença de percepção

aparece em outras questões relacionadas a multiplicidade de estilos de vida, no interior das unidades domésticas. Um outro exemplo disso pode ser percebido a partir da noção de casamento, trabalho e religião.

IV.4. Semelhança e diferença: o casamento de Jacques

Jacques sempre se mostrou muito solícito. Todos em sua casa ressaltam que ele sempre foi muito educado, estudioso, trabalhador e religioso. Quando criança foi escoteiro; mais tarde, influenciado pela avó materna, tornou-se membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, religião que segue até hoje. Coursou o 2º grau. Formou-se técnico em processamento de dados. Trabalhador desde a infância, cuidou do irmão para que a mãe pudesse trabalhar. Atualmente, trabalha como digitador em um banco, tendo inclusive conseguido emprego para seu irmão no mesmo local. Noivo de Ana, que também é membro da mesma religião, Jacques preparava-se para casar. Certa vez, presenciei uma discussão entre ele e sua mãe. O motivo da discussão era o pai que o rapaz não conhecia. Jacques casou-se com Ana. Ela se auto-classifica como branca tinha, na época, 22 anos. O casamento foi na igreja, formalizado em cartório.

A organização familiar nas unidades domésticas se fundamenta, na maior parte dos casos, a partir da seguinte composição: pai, mãe e filhos decorrentes dessa união⁸⁹. A ênfase atribuída à família tem na noção de casamento a referência para sua constituição. Casamento relaciona-se à união de dois indivíduos considerados adultos de sexos diferentes coabitando na mesma unidade doméstica. Da mesma forma, a maior parte das unidades domésticas conta com um adulto no mercado de trabalho.

Os dados relativos ao Complexo da Maré apontam ainda para a importância de dois elementos na vida adulta: casa e trabalho. Segundo Carmem, tanto a primeira união marital (com o pai de seu segundo filho), quanto a segunda (com o pai de seu terceiro filho) foram motivadas por fatores externos. A primeira união estaria relacionada com o fato de que na época em que Carmem foi morar no Complexo da Maré, sua mãe e irmãos menores vieram morar na casa de parentes. Em uma das sucessivas remoções a prima e a mãe com os irmãos foram morar em outra área. Carmem comprou um *barraco de madeira* de um tio; nesta ocasião conheceu um morador do Complexo da Maré com quem veio a se unir maritalmente.

Carmem afirma que uma mulher sozinha, com uma criança pequena, poderia ser alvo fácil da violência dos

⁸⁹ Tanto as uniões formais quanto as uniões consensuais são tratadas como casamento, pois na presente dissertação, não fiz qualquer distinção entre união consensual ou formal.

criminosos do local. Para proteger-se casou. Os dois tiveram um filho. O casal se separou e Carmem ficou com seus filhos. Ela criou seus filhos trabalhando como cozinheira e depois como costureira. Tornou-se conhecida, fez amigos e alguns parentes foram morar no Complexo da Maré. Sentia-se protegida. O tempo passou; os filhos já estavam crescidos; de seu relacionamento com Zé, engravidou do seu terceiro filho. Com um filho a caminho e a casa de madeira precisando de uma reforma, os dois resolveram morar juntos, na casa de Zé. Na narrativa de história de vida de Carmem a escolha do cônjuge aparece relacionada com fato do parceiro ser trabalhador, da mesma forma que as uniões são consensuais e as separações ocorreram amigavelmente.

IV.5. "All Our Kin": comunidade étnica e solidariedade de classe

Considerando o que foi descrito na seção anterior, podemos observar a diversidade de tipos de arranjos familiares entre os moradores do Complexo da Maré. A organização familiar no interior das unidades domésticas se modifica a partir dos diferentes tipos de arranjos. Esses arranjos, por sua vez, estão

relacionados com período da história de vida dos indivíduos. O tipo de arranjo encontra-se associado a determinado períodos de tempo da história individual.

Carol Stack (1972) acompanhou a trajetória de vida de uma família negra por um tempo determinado. A autora mostra que as famílias negras norte-americanas muitas vezes, se modificam no decorrer do tempo; ora agregam um amigo ou irmão que está doente, ora abrigam um casal com filhos em dificuldades financeiras. Neste sentido, a família não se limita às unidades domésticas, como também não se restringe à família nuclear. Stack observa que a noção de família e parentesco, entre negros pobres urbanos, teriam a troca e a reciprocidade como princípio definido na estratégia de sobrevivência. A troca recíproca e a cooperação possibilitariam a superação do racismo. Nesse sistema, o todo (comunidade negra) predominaria sobre a parte (o indivíduo), havendo assim a superposição da comunidade sobre o indivíduo.

Ocorre que características semelhantes às descritas por Stack são encontradas em outros grupos pobres urbanos. No caso específico descrito pela autora, a cor seria um critério na organização da comunidade. Contudo, no Complexo da Maré (conforme o descrito na

capítulo II) haveria a solidariedade de classe e não de cor ou raça, como no caso descrito acima. Entre moradores do Complexo da Maré, encontramos uma série de categorias de cor e portanto, não formação de uma comunidade étnica, com a definição de (uma) identidade étnica. A narrativa da história de vida se dá de forma a enfatizar a trajetória individual⁹⁰. A recuperação da família ocorre para reforçar a cooperação com os parentes. Forma-se, portanto, uma rede de parentes e não uma comunidade étnica.

Cabe observar que entre os moradores do Complexo da Maré haveria, então, família entre indivíduos que se classificam como negros, diferente de atribuir a noção de família negra como uma imposição teórica.

A utilização da auto-classificação da cor e/ou raça como critério de atribuição de categorias de cor inviabiliza a sustentação da noção de família negra. Pois, se a cor e/ou raça torna-se um atributo individual como aplicá-lo a (família) um conjunto de indivíduos? Na medida em que os diferentes membros de uma determinada unidade doméstica são apresentados como "misturados", fica evidente que família negra enquanto conceito não se sustenta diante das respostas dos entrevistados.

⁹⁰ Angela Figueiredo (1998), em sua dissertação de mestrado, ao abordar a questão da ascensão social de um grupo de indivíduos que se auto-classificam como negros, afirma que: " A população negra brasileira não tem recorrido às tradicionais formas de solidariedade étnica baseada no uso de estratégias coletivas de que lançaram mão os imigrantes. De modo contrário, a ascensão social do negro tem sido

IV. Conclusão

Neste capítulo procurei mostrar, através da narrativa da trajetória de Carmem, como se estrutura a relação entre família e parentesco entre indivíduos que se auto-classificam como negros/pretos. A percepção da diferença com base na aparência física é redefinida, já que através da noção de família os indivíduos de diferentes matizes são agrupados como iguais, na medida em que são englobados pela ordem da família.

historicamente orientada a partir do uso de estratégias individuais".
(Figueiredo, 1998:44)

Conclusão

O título original do projeto de pesquisa que deu origem à presente dissertação, consistia em uma pergunta; qual seja: *Na barra da saia da mãe?* Naquele momento, pretendia questionar a utilização de determinados conceitos no que se refere ao estudo sobre a organização social entre indivíduos que se auto-classificam como negros. Refiro-me especificamente ao debate sobre a participação feminina no interior das unidades domésticas, entre indivíduos que se auto-classificam como negros/pretos de camadas populares. Haveria uma questão implícita na formulação acima citada; tratava-se de problematizar a noção de família negra⁹¹.

Os censos oficiais, do modo como são formulados (a família é classificada de acordo com a auto-classificação do chefe da família) parecem forjar um pressuposto de que os domicílios abrigariam "famílias negras/pretas", "famílias brancas" e "famílias pardas". Há uma ênfase no parentesco como critério, o que torna difícil penetrar, através dos dados oficiais, nos códigos pertinentes à organização do espaço doméstico e as relações familiares, entre aqueles que se auto-classificam como negros, em comparação com brancos e pardos⁹². Na verdade, a questão

⁹¹ Ver o debate entre Herskovits e Frazier no Capítulo IV da presente dissertação.

⁹² Nelson do Valle Silva (1990), utilizando-se dos dados do censo demográfico de 1980, aplica um modelo matemático-estatístico à análise da seletividade marital, correlacionando-a com a cor dos

se refere à família na sociedade brasileira contemporânea⁹³. Portanto, nesta conclusão retomo um aspecto importante na bibliografia sobre o tema, que se encontra nas entrelinhas da presente dissertação, qual seja, o modelo de família patriarcal.

Gilberto Freyre (1933), ao enfatizar este modelo seria um dos fundadores de um dos mitos sobre o qual teria se formado a sociedade brasileira. Para Freyre, a sociedade brasileira estaria alicerçada na família patriarcal. Nela, o senhor da "casa grande" comandava e organizava a vida e relações dos demais personagens da sociedade brasileira dos séculos XVI e XVII. Dessa forma, os possíveis conflitos decorrentes do confronto entre os atores sociais eram minimizados. No Brasil, diferentemente do que ocorria nos Estados Unidos, predominava a harmonia e não o conflito entre as raças. Senhores e escravos viviam uma democracia racial. As diferenças entre senhores e escravos não se

cônjuges. O autor considera, em sua análise, três entre os quatro grupos raciais mais expressivos numericamente: branco, preto e pardo. Silva indica que, através do cruzamento dos dados censitários, se pode identificar "tendências temporais endogâmicas". Apesar de estar diminuindo, ainda é grande "o peso das normas endogâmicas" da seletividade marital. De acordo com os dados censitários, casamentos ocorreriam, em maior escala, entre os indivíduos do mesmo grupo populacional, étnico e/ou sócio-econômico.

⁹³ Woortmann, em seu estudo sobre família em camadas populares de Salvador, afirma que: "Em boa medida, os pobres de Salvador descendem de ex-escravos. Poder-se-ia dizer que a pobreza, ou a "marginalidade" teve sua origem na abolição. Por muitas décadas os pobres eram majoritariamente negros, e vice-versa; ainda hoje, não obstante as migrações terem afetado a "composição racial" da pobreza, aquela relação em boa parte se mantém, como se mantém também, na consciência coletiva, a relação entre "preto" e "pobre", ou entre "branco" e "rico", como categorias de classificação social." (Woortmann, 1988, 223)

apoiava numa dicotomia rígida. Segundo Freyre, a convivência dos espaços "casa grande & senzala" era mediada pelas relações familiares. Nessa concepção, não há espaço para a distinção (reconhecimento) da especificidade dos grupos sociais e familiares de brancos (senhor e senhora) e negros (escravos e escravas).

O sociólogo considera que o modelo de família patriarcal seria a referência para todos os indivíduos, e, assim, institui a ausência da organização familiar para os escravos e sua presença para os senhores. Durante pelo menos cinco décadas esse modelo inspirou trabalhos e pesquisas acadêmicas. Freyre foi bastante lido e interpretado; seus trabalhos foram amplamente divulgados, tornando-se um paradigma para pensar a sociedade brasileira.

Somente no final da década de 70 e início da de 80, esse modelo passou a ser contestado⁹⁴. Mariza Corrêa (1982) aponta para uma série de novas perspectivas no que se refere aos estudos de família no Brasil. Corrêa afirma que, através da recuperação de autores que se debruçaram sobre temas do Brasil colonial e imperial, é possível (re)dimensionar as propostas de grande repercussão de Freyre e Cândido. Na opinião da autora, haveria outras formas de organização familiar entre nós. O que houve foi

⁹⁴ Nesse sentido, ver Arantes [et al]. (1982)

uma "homogeneização histórica". A partir de uma "situação bem localizada no tempo e no espaço a economia açucareira pernambucana dos séculos XVI e XVII ou a plantação de café dos séculos XVIII e XIX - formou-se uma matriz, em denominadores comuns, da sociedade colonial inteira, do século XVI ao XIX." (Corrêa; 1982: 19)

A autora prossegue em suas considerações: "A sociedade brasileira colonial nestes 300 anos esteve composta de duas partes: uma, familiar (a família patriarcal) e outra não familiar, que uniria a maioria da população; a massa anônima dos socialmente degradados" (idem, 20). Como um modelo forjado a partir de um segmento (ínfimo) da sociedade predominou para a maioria da população? A essa pergunta Corrêa responde que tanto Freyre quanto Cândido⁹⁵ fundamentaram seus argumentos na dominação por parte dos senhores sobre os demais segmentos, relegando a segundo plano outros aspectos da vida social.

Ao recuperar determinadas trajetórias de indivíduos inscritos historicamente, aprofundei o conhecimento sobre certas dimensões simbólicas da ação social (Geertz, 1989). O título do projeto foi modificado mas o objetivo foi mantido. Dessa forma, no decorrer desta dissertação, aspirei "colocar à disposição as respostas que outros deram - apascentando outros carneiros em outros vales - e assim

⁹⁵ Ver CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. (2ª Edição) São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

incluí-los no registro de consultas sobre o que o homem [e/ou a mulher] falou." (Geertz, 1989: 41)

Nesse sentido, o estudo sobre relações sociais no interior das unidades domésticas conduziu-me ao encontro da noção de família entre um determinado grupo de indivíduos que se auto-classificam como negros/pretos, brancos, misturados/pardos, entre outras denominações⁹⁶.

Durante o período de curso e elaboração da dissertação de mestrado, almejei analisar as formas simbólicas sem perder de vista os acontecimentos sociais e ocasiões concretas. Nesse sentido, retomei um projeto anterior (um estudo sobre a atuação feminina em um grupo do movimento negro carioca) e elaborei um conjunto de questões relacionados com o debate sobre família, gênero, cor e raça no interior das unidades domésticas⁹⁷. A partir da discussão sobre família no domínio privado, voltei ao ponto de partida. Contudo, questões relacionadas com alguns aspectos da vida social, como hierarquia e diferença, gênero, idade e cor entre os indivíduos entrevistados, continuam sem respostas e devem ser feitas. Há outras percepções diferenciadas quanto ao racismo e desigualdades sociais a serem desvendadas. O interesse sobre a vida social na sociedade brasileira prossegue. E outros projetos e outras pesquisas virão. Afinal, dada

⁹⁶ Ver o capítulo III

diversidade das organizações familiares, cabe realizar pesquisas etnográficas para superar as dificuldades de aproximações na produção de conhecimento a partir da dinâmica das famílias, que auxiliem na formulação de novas perspectivas sobre o tema.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Suely Kofes de. "Entre Nós Mulheres, Elas Patroas, Elas Empregadas". In: ARANTES, Antônio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos*. São Paulo: Brasiliense, 1982 (pp.185-194).
- ANDREWS, George. "América Afro-Latina: o final do século XX". *Estudos Afro Asiáticos* Nº 25, Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, 1993 (pp.7-24).
- AZERÊDO, Sandra. "Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais". *Estudos Feministas* (Nº Especial); Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1994.
- BARROSO, Carmem. "Sozinhas ou mal acompanhadas - a situação das mulheres chefes de família". *Anais do Primeiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (ABEP), 1978.
- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia, Rito Nagô*, São Paulo: Livraria Pioneira & Editora da USP, 1971 (2 volumes).
- BERQUÓ, Elza. "Demografia da Desigualdade"; *Cadernos CEBRAP*; São Paulo: Novos Estudos CEBRAP Nº21, 1988.
- BIRMAN, Patrícia. "Impasses Familiares"; In.: *Estudos Afro-Asiáticos*. Nº.21, Rio Janeiro. Cadernos Cândido Mendes, 1991 (pp.143-156).
- [et all] *O Mal à Brasileira*. Rio Janeiro: EduERJ, 1997.
- "Mediação feminina e identidades pentecostais". In: *Cadernos Pagu*. Nº 6/7, Campinas. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1996.
- BLUMBERG, Rae Lesser & GÁRCIA, Márcia. "The political economy of the Mother-Child family a cross Beyond the nuclear family model. Sage Publications, Inc., 1977.
- CALDEIRA, Teresa. "A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia"; São Paulo, In: *Novos*

Estudos CEBRAP Nº 21, 1988.

----- . Uma Incursão Pelo Lado "Não-Respeitável" da Pesquisa de Campo. IN: *Trabalho e Cultura no Brasil*. Recife/Brasília: CNPq/ANPOCS, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. (2ª Edição) São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CORRÊA, Mariza. "Repensando a Família Patriarcal no Brasil" In: ARANTES, Antônio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos*; São Paulo: Brasiliense, 1982.

----- . "Mulher e Política: Um debate sobre a literatura recente". Rio de Janeiro: *Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais*, Nº 18, Rio de Janeiro: ANPOCS, 1984.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*; São Paulo: Brasiliense, 1982.

DA MATTA, Roberto. "Digressão: A Fábula das Três Raças". In: ---. *Relativizando: Introdução à Antropologia Social*, Petrópolis: Vozes, 1983.

DANTAS, Beatriz. *Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil*, Rio de Janeiro: Ed Graal, 1988.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchius*. Paris: Gallimard, 1979.

DURHAN, Eunice. "Movimentos Sociais; A Construção da Cidadania". São Paulo, In: *Novos Estudos: Cebap* Nº 10, 1984.

EVANS-PRITCHARD, Edward. "A Noção de Bruxaria Como Explicação de Infortúnios". IN: ---. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. São Paulo: Perspectiva, 1973. (pp.56-71)

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classe*; São Paulo: Ática, 1964 (1ª edição).

FIGUEIREDO, Angela. "Novas Elites de Cor": estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador; Salvador: UFBA/FFCH, 1998

FLORENTINO, Manolo e GOÊS, José. In: Castro, H. e Shnoor, E. (org) *Resgate: uma janela para o*

Oitocentos; Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

FONSECA, Cláudia. A História Social no Estudo da Família: uma excursão interdisciplinar. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* Nº 27, Rio de Janeiro: ANPOCS, 1989.

FRAZIER, Franklin. The Negro Family In Bahia, Brazil In: *American Sociological Review*, Vol. 7, Nº 4, 1942 (465-478).

-----, "A Comparison of Negro-White Relations in Brasil and the United States". In: *On Race Relations*; Chicago: Chicago University Press; 1944 (82-102).

FREYRE, Gilberto. (19ª edição) *Casa Grande & Senzala*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

FRY, Peter. "Feijoada Soul Food" In: ---. *Para Inglês Ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FUKUI, Lia Freitas Garcia. "Estudos sobre Família no Brasil". *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* Nº. 10, Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980.

GEERTZ, Cliford. *As Interpretações das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara /Koogan, 1989.

GIACOMINI, Sônia M. *Mulher e Escrava: Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GOLDANI, Ana Maria. "Retratos de Família em Tempos de Crise"; *Estudos Feministas* CIEC- ECO/ UFRJ; Rio de Janeiro: Número Especial, 1994.

GOMES, Flávio. *Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Século XIX*, Campinas: (Dissertação de Mestrado); UNICAMP, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*; Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HERSKOVITS, M. *The Myth of African Past*. New York:

Happer & Bros, 1941.

-----."The Negro Family in Bahia: a problem in method",
In: *American Sociological Review*, Vol. 7 N°. 8, 1943
(pp.394-404).

KARSCH, Thomas e COMPANS, Rose. *Política Social, Conflitos e Participação: Um Diálogo na Maré*. Rio de Janeiro: FASE/ GTZ, 1992.

KOFES, Suely. *Entre Nós, os Pobres, Eles, os Negros*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: IFCH / UNICAMP, 1976.

-----."Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites". *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994.

KUNSTADTER, P."A survey of the consanguine or matrifocal family". *American Anthropologist*, 1963.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1990.

MACHADO, Elielma Ayres. *Mulheres e Negritude: Um estudo sobre raça e gênero no Bloco Afro Carnavalesco Agbara Dudu*; Monografia de Final de Curso, Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 1991.

-----."Ritmo da Cor Raça e Gênero no Bloco Afro Agbara Dudu; Papeis Avulsos N°49; Rio de Janeiro: CIEC-ECO/UFRJ, 1996.

MAGGIE, Yvonne. *Catálogo - Centenário da Abolição*. Rio de Janeiro: Ciec - Acec/ Núcleo da Cor/ UFRJ, 1989.

MALINOWSKI, B. Kinship. In: *Man*; Vol. 30:2 1930, (pp.19-29).

MARCELIN, Louis. *L'Invention de la Famille Afro-Americaine: Famille, Parenté et Domesticité Parmi les noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PPGAS-MN/UFRJ, 1996.

- MELATTI, Júlio Cezar (Org.), *Radcliffe-Brown Col. Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1979.
- MONARCHA, Sandra. *Espaço Favela: O Projeto Rio e a Maré*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1984.
- MONTEIRO, Hélène. *O Ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1990.
- MOUTINHO, Laura. *Negociando Discursos: Análise das relações entre a Fundação Ford, os movimentos negros e a academia na década de 80*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996.
- NOGUEIRA, Oracy. *Tanto Preto Quanto Branco*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986.
- OLIVEIRA, Porcaro e Araújo. *O Lugar do Negro na Força de Trabalho*, Rio de Janeiro: IBGE -DESI, 1985.
- PACHECO, M de P. T. *Família e Identidade Racial: Limite de cor nas Relações e Representações de um grupo de Baixa Renda* - Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS-MN/UFRJ, 1986.
- PERLMAN, Janice. *O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- RAMOS, Célia. *A Gente do Londres*. Dissertação de Mestrado, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1976.
- RIOS, Ana Maria Lugão. *Família e Transição. Famílias Negras em Paraíba do Sul, 1872 - 1920*, Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado) UFF, 1990.
- ROCHA, Sônia. *Poor and Non Poor In the Brazilian Labor Market*, Rio Janeiro: IPEA, 1992.
- SANTOS, Carlos Nelson dos. *História dos Bairros da Maré*. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1990.

SANTOS, Paulo e ACHINGER, Gertrud. Die soziale Struktur der Favelas. In: ACHINGER, Gertrud [et al.]. *Migration und Soziale Netzwerke Studieren in Favelas in Rio de Janeiro und São Bernardo do Campo*, 1997.

SANSONE, Livio. Pai preto; filho negro. *Estudos Afro-Asiáticos* Nº 25, Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1993 (pp.73-98).

---. "Não-trabalho, consumo e identidade negra: uma comparação entre Rio e Salvador." Texto apresentado na XXI ABA, Vitória, 1998.

SARTI, Cynthia. *A Família Como Espelho. Um Estudo Sobre a Moral dos Pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SILVA, Nelson, Valle. Estabilidade Temporal e Diferenças Regionais no Casamento Inter-racial: *Estudos Afro-Asiáticos* Nº 21. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes, 1991.

SLENES, Robert. Lares Negros. Olhares Brancos In: ARANTES, Antônio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos*. São Paulo: UNICAMP, 1994.

----- [et al.] *Revista Brasileira de História* Nº16, São Paulo: 1988.

SKIDMORE, Thomaz. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

STACK, Carol. *All Our Kin Strategies for Survival in a Black Community*, New York: Harper & Row Publishers, 1974.

VIOTTI, Emília. *Da Senzala à Colônia*, São Paulo: Difel-Coleção Corpo e Alma, 1966.

WHITEHEAD, Tony. "Residence, kinship and mating as survival strategies: a West Indian example". *Journal of marriage and the family*, 1978.

WOORTMANN, Klaas. *A Família de Mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/CNPQ, 1987.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo:

Brasiliense, 1985.

-----, "Mulher de Bandido: Crônica de Uma Cidade Menos Musical". Estudos Feministas Vol. 1, Nº 1, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1993.

Anexos (Tabelas)

TABELAS

1. A origem dos entrevistados por Estado⁹⁸

Acre	1
Alagoas	8
Bahia	14
Ceará	32
Espírito Santo	8
Maranhão	10
Mato Grosso do Sul	1
Minas Gerais	59
Paraíba	100
Paraná	2
Pará	6
Pernambuco	21
Piauí	1
Rio de Janeiro (interior do Estado)	8
Rio Grande do Norte	23
Rio Grande do Sul	1
São Paulo	1
Sergipe	3

⁹⁸ Números absolutos.

2. Arranjos familiares nas unidades domésticas

Mãe, pai e filhos menores	42%
Mãe, pai, filhos e outros adultos	21%
Mãe, pai, filhos e outras crianças	1%
Mãe, filhos pequenos	5%
Mãe, crianças e outros adultos	7%
Pai, filhos pequenos e outros adultos	1,5%
Só adultos	7%
Só adultos (casados)	7%
Sem resposta	1%
Total	100%

3. Idade dos entrevistados

15-20 Anos	11%
21-30 Anos	29%
31-50 Anos	25%
50-60	23%
60-ou +	12%

4. Grau de escolaridade dos entrevistados

Analfabetos	21%
Primário Incompleto	40%
Primário Completo	15%
I Grau Incompleto	10%
I Grau Completo	4%
II Grau Incompleto	3%
II Grau Incompleto	5%
Superior Incompleto	1%
Superior Completo	1%
Total	100%

5. Cor dos entrevistados

Morenos	39%
Branços	31%
Pretos	19%
Mulatos	11%
Total	100%

6. Escolaridade por cor

	Preto/Negro	Branco	Mulato	Moreno
Analfabeto	19%	32%	32%	36%
Primário	58%	50%	50%	52%
1º Grau	6%	12%	11%	7%
2º Grau/Superior				
Total	100%	100%	100%	100%

7. Religião dos entrevistados

Católica	75%
Evangélica	12%
Religiões afro-brasileiras	6%
Outras	7%
Nenhuma	1%
Total	100%

8. Participação dos entrevistados nos setores econômicos

Setor Econômico	Feminina	Masculino
Industria	11%	20%
Construção	11%	36%
Serv. Domésticos	51%	7%
Serviços Gerais	8%	8%
Transporte	3%	10%
Administração	-	2%
Fabricação de Alimentos	3%	-
Comércio	7%	9%
Segurança	2%	4%
Artesanato	1%	1%
Educação	8%	-
Outros Setores	1%	2%
Total	100%	100%

9. Categoria profissional por sexo

	Feminina	Masculino
Doméstica (o) C/ carteira	14%	6%
Doméstica (o) S/ Carteira	21%	2%
Empregado (a) C/ Carteira	28%	51%
Empregada (o) S/ Carteira	6%	7%
Funcionário (a) Público (a)	5%	5%
Autônomo (a)	11%	21%
Temporário	-	1%
Outros	6%	6%
Desempregado (a)	9%	1%
Total	100%	100%

10. Forma de pagamento⁹⁹

Mensalmente	62%
Quinzenalmente	25%
Semanalmente	18%
Diariamente	14%

11. Moradores com renda por unidade doméstica

1	42%
2	32%
3	12%
4	7%
5 ou mais	5%
Não respondeu	3%
Total	100%

12. Condição de moradia

Casa Própria	90%
Cedida	4%
Alugada	5%
Não respondeu	1%
Total	100%

⁹⁹ Alguns entrevistados afirmam ter mais de uma forma de pagamento. Pois, teriam mais de uma fonte de renda.

13. Construção e melhoria da moradia

Parentes	19%
Amigos	20%
Sozinho	19%
Trabalhadores Pagos	22%
Outros	3%
Total	100%

14. Infra-estrutura da moradia

Elettricidade	93%
Água Encanada	85%
Esgoto	57%